

Nome: Adriane Cherpinski Koch (UEM) adriane.cherpinski@escola.pr.gov.br

Zooliteratura: o cavalo como o animal mais convocado em *A cidade sitiada*, de Clarice Lispector

Palavras-chave: Clarice Lispector; Cavalo.

Resumo: O objetivo deste estudo centrou-se em analisar as representações do cavalo na obra *A cidade sitiada* (1949), de Clarice Lispector. Nesta tarefa, buscou-se detectar, a partir da figura estilística da zoomorfização, a ato de a personagem Lucrecia transitar do estado humano ao equino. A literatura clariciana exhibe uma flora e uma fauna exuberantemente verbais, de onde sobressaem galopes e relinchos indicando que a referência especial é o cavalo. Poética e ética animal, na esteira da ecocrítica, permitiram constatar a maneira com que os não humanos são representados na ordem do fictício clariciano, distanciando-se da subjetividade antropocêntrica. Tem-se, assim, uma narrativa que reflete sobre as condições de todos os viventes que interagem e se conectam entre si num mesmo meio: a natureza. O fio condutor é o cavalo, inspiração da narradora-personagem protagonista que deseja e busca incessantemente o lugar do outro, ou seja, ver e sentir tal como um cavalo. Sobressai, assim, a partir das desconstruções socialmente convencionalizadas, o respeito pelos equinos. *A cidade sitiada* demonstra que o cavalo sente e se expressa a partir de sua linguagem animal. Ainda que não possua a linguagem verbal, própria dos humanos, o equino estabelece perfeita comunicação com seus iguais.

Nome: Adriane Figueira Batista (USP) adrianefigueira@usp.br

Nas bordas da noite: silêncio e loucura na poesia de Alejandra Pizarnik e Cláudia R. Sampaio

Palavras-chave: Alejandra Pizarnik; Cláudia R. Sampaio; Loucura; Solidão; Silêncio.

Resumo: Esta proposta consiste em relacionar a linguagem estético-poética da loucura — que muitas vezes é também o silêncio e a solidão — em termos clínicos e poéticos em duas autoras. O que me faz aproximar Alejandra Pizarnik (Avellaneda/Buenos Aires, 1936-1972) e Cláudia R. Sampaio (Lisboa, 1981) é a presença de uma angústia patológica que se recria e se reinventa nos versos das duas. Busco compreender como a internação, o interdito, o silêncio e a solidão

se constituem na criação de uma escrita poética, nesse lugar de alteridades em que as vivências se transmutam em criação, matéria artística. Imersa na loucura que rasga a pele, o verbo e irrompe o verso, transito no escuro, mas não pretendo com isso fetichizar a dor, muito menos reduzir o trabalho poético a diagnósticos psiquiátricos ou relatos pessoais, mas pensar como esses elementos se articulam e criam atmosferas para navegar pela escritura, pelo(s) devir(es).

Nome: Amanda Cipriano Gomes (UFRJ) amandagomeslit@letras.ufrj.br

A quebra das “sedutoras” lentes europeias em Cristiane Sobral

Palavras-chave: Poesia contemporânea; Poesia brasileira; Autoria negra.

Resumo: A pesquisa que dá base a esta comunicação está sendo concebida com financiamento do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC/UFRJ e integra o projeto “Por uma política da imaginação na poesia brasileira de autoria feminina”, vinculado ao Núcleo Interdisciplinar de Estudos das Mulheres na Literatura (NIELM – FL/UFRJ/CNPq). Esta comunicação se propõe a analisar os poemas “Só por hoje vou deixar o meu cabelo em paz” e “Tridente, o meu pente”, publicados no livro *Só por hoje vou deixar o meu cabelo em paz* (2016), de Cristiane Sobral, que se autodefine como uma mulher “negra-atriz-diretora-produtora-escritora”. Esses poemas aliam a temática do cabelo às questões do racismo e do machismo; portanto, esta comunicação objetiva elucidar a construção forma-conteúdo presente na poesia da autora, a qual arquiteta elementos que compõem uma forte combinação contra os sistemas de beleza e social racistas. Para o escopo teórico, foram utilizadas as reflexões de Nilma Lino Gomes, doutora em Antropologia Social, que publicou o fruto da sua tese em *Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra* (2006).

Nome: Amanda Dib da Silva de Almeida Ferreira (UFRJ) amanda.dib12@gmail.com

**Glória e os olhos da mãe nos olhos do filho: a marca da herança e da memória em
Luanda, Lisboa, Paraíso, de Djaimilia Pereira**

Palavras-chave: Memória; herança; olhar.

Resumo: A presente comunicação intenta investigar o traço da memória em *Luanda, Lisboa, Paraíso*, romance escrito por Djaimilia Pereira, a partir dos modos pelos quais a personagem Glória é evocada na narrativa. Cartola e Aquiles, pai e filho respectivamente, saem de Luanda em direção a Lisboa. A troca de cartas entre Cartola e Glória, sua esposa e mãe de Aquiles, é interessante para analisar a presença constante da memória ao longo do percurso dos dois imigrantes. Para pensá-la, o trabalho direciona-se à questão do olhar no romance, visto que é possível ler uma narrativa que se delinea através dos olhos constantes a um passado – Luanda –, a um futuro nunca alcançado – Lisboa – e uma realidade incontornável: Paraíso. O trabalho retoma o conto “Olhos d’água”, escrito por Conceição Evaristo, para pensar nos engendramentos da herança passada de mãe aos filhos. No romance de Djaimilia, o narrador diz “os olhos [de Aquiles] eram da mãe” e que “O filho via Lisboa pelos olhos da mãe, vendo por ela à distância o que ele a nunca tinha visto. Ela [...] viera para Lisboa deitada dentro dos olhos do filho”. Portanto, esta comunicação busca ler a presença constante de Glória, ou de Luanda, no romance.

Nome: Amanda Maranhão de Souza (UFPB) amanda.maranhao@academico.ufpb.br

Clarice Lispector e sua particularidade: ser mulher

Palavras-chaves: Literatura; Clarice Lispector; Mulher; Escrita feminina.

Resumo: A literatura brasileira é rica em diversos aspectos, e dentre os grandes nomes responsáveis, mais especificamente na terceira fase do modernismo brasileiro, destaca-se a estimada Clarice Lispector — romancista e jornalista. Com o intuito de abordar a literatura nacional, a presente comunicação tem por objetivo tratar das particularidades da escrita intimista de Clarice e seu impacto na literatura da época (século XX), além de analisar a maneira como pautas sociais particularmente femininas, como o assédio, a violência e o sexismo, são trabalhadas nas obras da autora. Utilizando o conto "A língua do P" e a crônica "A favor do medo", ambos escritos por Clarice, será explicitada a importância da representação feminina no âmbito literário e a maneira como as mulheres, de forma mais legítima, conseguem tratar determinadas pautas em seus escritos, dando ênfase à importância do lugar da mulher na literatura. A junção das temáticas “literatura feminina” e “literatura de Clarice” será a abordagem utilizada, tendo como fim demonstrar a literatura de autoria feminina e suas especificidades. Em suma, Clarice Lispector foi e sempre será um grande nome a ser lembrado,

principalmente quando se trata de escrita feminina; portanto, o presente trabalho terá a sua vida, obra e personalidade como base.

Nome: Ana Júlia Gomes de Lima (UPE) anajulia.glima@outlook.com

A relevância dos mitos de Lilith e Eva na constituição da identidade feminina nas obras *O papel de parede amarelo*, de Charlotte Perkins Gilman, e *Lilith*, de Kiki Smith: uma discussão sobre a saúde mental da mulher no casamento

Palavras-chave: Mito; Identidade; Intertextualidade; Dialogismo; Patriarcado.

Resumo: Esta comunicação se propõe a discutir como a criação dos discursos gerados pelos mitos de Lilith e Eva é relevante para a constituição da identidade pós-moderna feminina presente no conto *O papel de parede amarelo*, de Charlotte Perkins Gilman, estabelecendo um estudo comparativo com a escultura *Lilith* da artista plástica Kiki Smith. Parte-se de uma análise que envolve os estudos de intertextualidade e dialogismo como vertentes da Literatura Comparada, tendo em vista os novos sentidos que Gilman atribui aos mitos no processo de reescritura do texto, que tem como pano de fundo o contraste entre duas vozes identitárias habitantes de um só corpo adoecido no espaço de relação de poder do casamento. A observação se dá, ainda, no processo dialógico visual existente entre as obras, no que tange à corporeidade como produtora de significações. Assim, faz-se uma investigação de modelos de comportamentos femininos, gerados a partir dos mitos que fundamentam a realidade da sociedade atual, além de uma análise da saúde mental da mulher no casamento. Conclui-se, então, que este trabalho visibiliza denúncias sociais feitas por autoras femininas, indo além de uma abordagem estética, ao promover uma reflexão sociológica acerca de obras de arte de linguagens diferentes, mas que convergem.

Nomes: Andriele Aparecida Heupa e Níncia Cecília Ribas Borges Teixeira
(UNICENTRO) andriele.heupa@gmail.com

Ressignificações da memória: literatura de autoria feminina no Paraná

Palavras-chave: Memória; identidade; Bárbara Lia.

Resumo: As mulheres lutam diariamente para conquistar espaços em vários âmbitos da sociedade. No campo literário, as escritoras ainda não têm o devido reconhecimento. Essa realidade é ainda mais preocupante no cenário paranaense. Com o intuito de dar mais visibilidade à escrita de mulheres, analisamos o livro *As filhas de Manuela* (2017), da escritora paranaense Bárbara Lia. Objetivamos reconhecer a memória da dor na constituição da identidade de algumas personagens femininas, observando a ruptura com estereótipos da mulher construídos a partir da visão patriarcal. Utilizamos os estudos de Teixeira (2008) e Zolin (2019) sobre a escrita de mulheres no Paraná; Hall (2006), que reflete sobre as identidades; Halbwachs (1990), Candau (2019), Bosi (1994), Bernd (2013) e Sarlo (2007) tratando da memória; Beauvoir (1967), Perrot (2007) e Pinsky (2013) buscando compreender melhor a condição feminina ao longo da história. Por meio deste estudo, destacamos que a maneira como cada mulher lida com uma maldição lançada contra a sua família influencia na constituição de suas identidades, pois algumas têm medo e continuam submissas às imposições patriarcais no que se refere à conduta feminina, enquanto outras ressignificam essa memória de dor e transgridem os limites prescritos pela sociedade às mulheres.

Nome: Ayrla Victória G. da Silva (UFPI) ayrla@ufpi.edu.br

O projeto poético da dor: concepções do papel feminino em *Parque Industrial*, de Pagu

Palavras-chave: Literatura feminina. Crítica Feminista. Marxismo.

Resumo: O sistema da vigilância capitalista se ampara na dor da mulher “guerreira”, que nada mais é que uma trabalhadora exausta. Diante desse fato, a presente comunicação propõe analisar, numa perspectiva marxista feminista, o papel das figuras femininas em *Parque Industrial*, de Pagu, através da ótica da luta de classes. A pesquisa, de cunho bibliográfico e teórico-reflexivo, toma base em Federici (2021), Bosi (2018) e Brandão & Oliveira (2020). Por essa pesquisa estar em andamento, os resultados esperados são, portanto, novos vieses e perspectivas da atuação da mulher na prosa de autoria feminina.

Nome: Bárbara Pinheiro Baptista (UFRRJ) barbarapinheirobaptistaufrrj@gmail.com

Entre o retrato e o arquivo: construções e reconstruções da memória em torno de Ana Cristina Cesar

Palavras-chave: História Intelectual; Escritas de si; Memória; Fotobiografia.

Resumo: A presente comunicação tem como objetivo compreender a seleção e organização do acervo pessoal de Ana Cristina Cesar, levando em consideração a construção de um projeto de memória em torno da escritora por meio do exame de fontes, como um catálogo de exposição em homenagem à autora e de sua fotobiografia. Desse modo, busca-se empreender uma análise de como tem sido a elaboração de representações sobre a trajetória da autora, pensando nas escolhas, seleções e omissões que constituem esse processo. O exame dessas fontes coloca em discussão a autobiografia de mulheres escritoras, ajuda a pensar sobre a ordem do tempo, sobre a experiência do indivíduo contemporâneo e suas marcas discursivas, seus objetos biográficos e subjetividades. Nesse sentido, este trabalho buscará mapear quais foram e são os indivíduos envolvidos nos projetos de memória ao redor de Cesar, quem são as pessoas que mobilizam esforços na consolidação de uma imagem da escritora, considerando, assim, o arquivo pessoal da escritora uma fonte relevante para pensar a relação entre sua biografia pessoal e a memória documental presente no acervo.

Nome: Beatriz Montes dos Santos (UFS) bibiamontes14@gmail.com

A importância da preta mãe Suzana no romance *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis

Palavras-chave: África; escravidão, literatura afro-brasileira, romance; *Úrsula*.

Resumo: Considerado o primeiro romance escrito por uma mulher brasileira e o pioneiro da literatura afro-brasileira, *Úrsula*, da maranhense Maria Firmina dos Reis, foi publicado em 1859. A obra, por muito tempo ausente na literatura brasileira, apresenta os sofrimentos dos escravizados e a posição da mulher na sociedade patriarcal do século XIX. O objetivo desta comunicação é discutir o papel desempenhado pela personagem mãe Susana, que, apesar de não ser a personagem principal da narrativa, assume o protagonismo no enredo ao desempenhar o papel da mulher ancestral africana que conta a Túlio, jovem escravizado, nascido no Brasil, as suas lembranças da juventude, na África, quando era plenamente feliz ao lado de sua filha, ainda bebê, do marido, da mãe e das suas amigas, até ser sequestrada e trazida para o Brasil em condições degradantes, como mercadoria humana, juntamente com centenas de outros seus conterrâneos. Assim, por meio do relato da personagem, Maria Firmina dos Reis proporcionou, pela primeira vez, ao leitor de sua época conhecer a injustiça e a crueldade da escravidão pelo olhar analítico de uma personagem negra.

Nome: Beatriz Souza Ferreira (UEL) beatrizszf@gmail.com

O trágico no conto “Uma branca sombra pálida”, de Lygia Fagundes Telles

Palavras-chave: Gênero; Preconceito; Tragédia.

Resumo: A literatura, embora não tenha compromisso com a realidade, pode, muitas vezes, levantar reflexões sobre questões cotidianas e sociais. Nesse sentido, esta comunicação tem por objetivo analisar o conto “Uma branca sombra pálida” de Lygia Fagundes Telles, sob a ótica da crítica sociológica e de pressupostos da teoria de gêneros, de modo a observar como questões sociais estão implicadas na narrativa. Discutiremos a temática da lesbofobia, da culpa e do suicídio presentes na obra, manifestada na conturbada relação entre as personagens da narradora e sua filha Gina. Para tal propósito, contaremos com o apoio teórico de pensadores como Bordieu (2008, 2012), no referente à violência simbólica, a qual está presente no discurso da narradora; de Butler (2003) e de Parker (2018), sobre a construção social e os papéis dos gêneros, temáticas que também estão presentes no conto abordado, além de outras contribuições teóricas que complementam nossa discussão. Busca-se levantar uma reflexão sobre o preconceito de gênero e evidenciar como tal discriminação pode ser trágica no meio onde é propagada.

Nome: Bianca Graziela Souza Gomes da Silva (UFRJ) biancagraziela@letras.ufrj.br

A mulher árabe e a mulher ocidental: um ou diferentes destinos?

Palavras-chave: Destino; Mulher árabe; Orientalismo.

Resumo: Esta comunicação visa a apresentar uma perspectiva de interpretação sobre a mulher árabe a partir do conto “Muslim: Woman”, de Marilene Felinto. Considerando que a obra apresenta diferenças entre esta mulher e a conhecida figura feminina ocidental, buscaremos discutir, no que tange às contradições culturais desses dois mundos, a necessidade de interpretar o destino (maşir) da mulher árabe sob um ponto de vista cultural, religioso e social, não orientalista. Por Orientalismo, entendemos uma instituição criada para lidar com o oriente, apresentando-o sob seu próprio prisma; termo cunhado por Edward Said (1978). Os dois mundos em questão provocarão reações diferentes ao destino de mulher. Assim, acreditamos que cada destino precisa ser interpretado à luz da cultura que o subjaz. Buscamos apresentar o universo interior da personagem apontando elementos linguísticos no texto e a criação da

expectativa da narradora, a ocidental, sobre o que poderia se passar por debaixo daquela “indumentária de viúva negra” – “[...] tive enorme curiosidade de saber o que era que ela velava assim tão eternamente”. Trata-se de uma análise simples do conto em questão relacionada à perspectiva de se interpretar um destino de mulher sob o ponto de vista de sua própria cultura, religião, sociedade, costumes.

Nome: Bruno Oliveira Couto (UNICAMP) couto.3k@gmail.com

Ana Cristina Cesar e o modernismo em sua poesia

Palavras-chave: Ana Cristina Cesar; Poesia; Literatura Brasileira; Modernismo Brasileiro.

Resumo: Os rastros da poesia modernista estão presentes em tudo o que ocorreu após o grande evento artístico-cultural que conhecemos como Semana de Arte Moderna (1922), que, por coincidência ou não, acontece no mesmo ano do centenário da independência do Brasil (1822). A construção artística, que a datar desse ponto histórico, permeia todo o cenário cultural, seja nas artes plásticas, literárias ou cinematográficas. Assim, passa não só a fazer parte de uma busca identitária, mas também agrega com as suas reverberações a poesia de muitos poetas, além de influenciar novos olhares ou construções artísticas de novas estéticas, ao longo deste centenário. Com isso, tudo o que veio depois tenta, com o modernismo brasileiro, sedimentar a representação ou dar conta do que representa o Brasil e/ou o brasileiro em reproduções ou movimentos cinematográficos, teatrais, musicais, pictóricos, literários e grande parte da produção artística do Brasil. Assim, projeta-se com esta comunicação refletir como o fazer poético de escritores que pensaram a identidade “pós-colonial”, no início do século anterior, influenciou ou contribuiu na estética da poesia de Ana C., além de trazer à discussão percepções que influenciaram de uma forma (direta ou indireta) os versos livres e singulares que formam ou preenchem lacunas na poesia ímpar da poeta.

Nome: Bruno Santos Pereira da Silva (UFRJ) br.santospereiras@gmail.com

Perdoar para (se) amar: o encontro, a travessia e a transformação em "Perdoando Deus", de Clarice Lispector

Palavras-chave: Clarice Lispector; conto; Deus; existência; catábase.

Resumo: Efetivamente, a incumbência de adentrar nas profundezas da alma só caberia a uma alma (e figura) tão profunda, aguda, intensa e hermética quanto a de Clarice Lispector. Capaz de atravessar a si mesma – e uma existência inteira –, suas linhas e principalmente entrelinhas trespassam seus leitores, costurando-os numa teia invisível da (in)compreensão da vida. A cada palavra construída pela escritora, o leitor desmorona(-se). Poucos serão capazes de suportar a catábase, a descida ao mais desesperador dos infernos, a que a autora compele. E, sobrelevando, ainda padecerão a epifania, aquilo que vem à luz. Entregue às ruínas, ao pó, ao nada, o leitor será tomado pelo choque existencial: se é; se existe; para que é?!; para que existe?!; como reaver a experiência das coisas, do homem, da vida, de Deus? É destas autodestrutivas, mas, de igual modo, autocriadoras indagações que nasce, de maneira geral, a obra de Clarice Lispector. Tomando como esfera de indagação o conto “Perdoando Deus”, do livro *Felicidade clandestina*, este trabalho pretende perpetrar um acurado estudo da sua escrita, buscando sorver dessas linhas os elementos que a interpretam. Atentar-se-á à experiência bíblico-religiosa do conto; à catábase; ao aprofundar-se no mais recôndito de si; à epifania; à construção do choque; ao (re)nascer do cru e cruel; à busca de si, da vida, do mundo e sua transformação. Breve, mas profundo em sua construção e interpretação, como a alma da autora, o conto compartilha as linhas de força e o horizonte poético-intelectual das grandes obras de Lispector, como *Perto do coração selvagem* e *A paixão segundo GH*.

Nome: Camila Franquini Pereira (UFRJ) camila.franquini@hotmail.com

A relação da palavra com a página em “3 ipês”, de Ana Martins Marques

Palavras-chave: Tipografia; “3 ipês”; Ana Martins Marques.

Resumo: A obra de Ana Martins Marques foi expandida durante a pandemia com o livro *Risque esta palavra* e com a reedição de *A vida submarina*, ambos publicados pela Companhia das Letras. Houve, porém, a seleção de uma trilogia de poemas desta primeira obra para compor um número da série Aerográfica intitulado “3 ipês”. A edição tipográfica foi preparada pelo coletivo mineiro 62pontos e contou com pouquíssimas impressões, tendo sido vendida apenas na cidade de Belo Horizonte. Essa é uma forma interessante de circular poesia, visto que a autora afirmou em depoimento gravado em outubro de 2020 para o portal Itaú Cultural que, “apesar de todas as transformações que tenham acontecido na forma de circulação dos textos, (...) acho que os poetas, pelo menos alguns, ainda mantêm uma relação forte com o livro, e eu acho que isso tem a ver com essa dimensão material da linguagem, com essa relação forte com

a materialidade das palavras, na relação da palavra com a página”. O objetivo desta comunicação é, portanto, analisar a publicação “3 ipês”, considerando o impacto dos aspectos gráficos da impressão (como a tipografia, o papel e o selo) na experiência de leitura dos poemas.

Nome: Carolina Caldas Nunes (UNIRIO) carolinacaldasn@edu.unirio.br

O silêncio na palavra da mulher “exilada”: *A pecadora queimada e os anjos harmoniosos*, de Clarice Lispector, e minha bisavó

Palavras-chave: Silêncio; Exílio; Mulher; Solidão; Autoria.

Resumo: A presente comunicação pretende esboçar a relação da única peça de teatro escrita por Clarice Lispector, "A pecadora queimada e os anjos harmoniosos", com o silêncio. A abordagem consiste na análise das imagens de silêncio que constroem a peça, na observação da especificidade da autoria feminina e sua relação com o silenciamento, na leitura teórico-conceitual do silêncio que está presente na linguagem -- baseando-se principalmente em Merleau-Ponty ("As vozes indiretas e a linguagem do silêncio") – e finalmente na aproximação autobiográfica com o objeto ao se especular as semelhanças na trajetória de Lispector e de minha bisavó, ambas imigrantes ucranianas que se mudam para o Brasil em regime de “exílio”, seja pela perseguição nazista, seja pela fome e miséria experienciadas na URSS. A poética de outras autoras mulheres exiladas também são de grande valia para este trabalho: a crítica literária Marjorie Perloff (que discorre sobre a dor da fuga de seu país de origem devido ao holocausto em "Paradoxo de Viena"), a poeta austríaca Ingeborg Bachmann (que dedica sua obra à matéria da guerra e ao sentimento de exílio). Este trabalho tem a intenção de visualizar as estruturas comuns que fundam as imagens de silêncio presentes nas escrituras femininas.

Nome: Caroline Neres de Andrade (UNB) carolineneres.unb@gmail.com

Ancestralidade e escrivência em “Fios de ouro”, de Conceição Evaristo

Palavras-chave: Conceição Evaristo; Literatura; Fios de ouro; Mulheres negras; Interseccionalidade.

Resumo: Esta comunicação tem por objeto de estudo o conto “Fios de ouro”, de Conceição Evaristo. A partir do conto disposto na obra *História de leves enganos e parecenças* (2016), abordaremos o tema da narrativa na escrita da escrevivência. O conto apresenta a história da personagem Halima e ressignifica a construção da ancestralidade através do discurso narrativo. Na ótica de ressignificação da narrativa, a personagem configura a sua sobrevivência através da ancestralidade a partir da escrevivência. Dessa forma, argumentaremos sobre as potências discursivas na construção da narrativa de mulheres negras e como essa construção pode influenciar na práxis social política contemporânea. Para compor a metodologia crítico-reflexiva, utilizaremos os referenciais teóricos de Conceição Evaristo, Sueli Carneiro, Jacques Derrida, Lélia Gonzalez etc. Este trabalho pretende destacar as questões de identidade ancestral na pluriversalidade da escrita de mulheres negras, a fim de subverter a dororidade em raiz libertária de sobrevivência na luta interseccional como instrumento de emancipação.

Nome: Cíntia Acosta Kütter (UFRA) cintia.kutter@gmail.com

O corpo feminino violentado em *Flor de gume*, de Monique Malcher

Palavras-chave: Corpo feminino; Resistência; Monique Malcher; Transgressão.

Resumo: Esta comunicação pretende discutir de que forma a violência atravessa o corpo feminino, em especial, no livro de contos *Flor de gume*, da escritora paraense Monique Malcher, e pensar como a literatura escrita por mulheres no Norte do país pode ser lida como um ato de transgressão sob o viés do pensamento do feminismo decolonial de Françoise Vergès (2020), atrelado ao de Susan Sontag (2003) e Gayatri Spivak (2010), que também atravessam nossa reflexão.

Nome: Clarice Maria Silva Campos (FCRB) profclara2004@gmail.com

Carolina Maria de Jesus: a literatura produzida pela mulher negra brasileira como forma de resistência social e preservação da memória

Palavras-chave: Carolina Maria de Jesus; Interseccionalidade; Memória; Identidade; Representatividade.

Resumo: Esta comunicação busca evidenciar a importância na atualidade do resgate da vida e obra literária da escritora negra Carolina Maria de Jesus num momento de discussões sobre interseccionalidade e em que mulheres buscam seu espaço e sua voz na sociedade. Analisaremos a trajetória e obra da autora, considerando o estrondoso sucesso do seu livro *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, o tempo de ostracismo no final da vida, e após a morte da autora, o resgate dessa voz que faz parte de uma minoria dentro de uma sociedade em que a produção literária consumida é principalmente produzida pela elite econômica e masculina. As fontes principais para a pesquisa serão os livros de autoria de Carolina e os textos de cunho biográfico sobre a escritora. Ao tematizar sobre as questões vividas por mulheres negras e faveladas, Carolina apresenta uma narrativa contra-hegemônica, capaz de visibilizar e inspirar mulheres negras brasileiras ainda na atualidade, após mais de 60 anos da publicação do seu livro mais famoso.

Nome: Daiane Basílio de Oliveira (UFRJ) professoradaiane01@gmail.com

Os *ethé* de George Sand: legitimidade e posição dominante no campo literário

Palavras-chave: George Sand; Discurso Literário; Ethos; Campo Literário; Legitimidade

Resumo: A leitura dos posicionamentos do escritor descortina as condições de produção das obras, considerando as circunstâncias históricas nas quais são inscritas (MAINGUENEAU, 2006, p. 229). Nesse sentido, a presente comunicação objetiva compreender os *ethé* da escritora francesa George Sand e a maneira como são construídos na cena enunciativa, para que fosse assegurado o movimento de sua trajetória em busca de legitimidade e de uma posição dominante no campo literário francês, tendo em vista as condições sociais da época para a mulher escritora. O *ethos* é uma noção discursiva ligada a um processo interativo de influência sobre o outro, uma vez que é instituído por uma voz e sujeito investidos de valores socialmente distribuídos (MAINGUENEAU, 2008, p. 125). Parte-se, por isso, da hipótese de que ele muda gradualmente conforme os diferentes estados do campo literário e em vista das estratégias estabelecidas pela escritora (BOURDIEU, 1997). Assim, serão analisados os romances *Lélia* (1833), *La mare au diable* (1857) e *Le dernier amour* (1867), os quais são produzidos em momentos propícios de sua trajetória literária com o objetivo de garantir a adesão do discurso do público leitor, além de atuarem como antecipação e/ou resposta às críticas e às possíveis representações.

Nome: Danúbia Tupinambá Pimentel (UFRJ) danubiapimentel@letras.ufrj.br

Os haicais latinos da Graúna

Palavras-chave: Poesia-identidade- haicai- alteridade-utopia

Resumo: *Canto mestizo* (1999) é o primeiro livro de poesia de Graça Graúna, uma indígena potiguara que nasceu no Rio Grande do Norte, mas vive desde a infância em Recife, onde também leciona na Universidade Estadual de Pernambuco. Professora, pesquisadora e poeta, todo o projeto que elaborou para a feitura da sua obra de estreia, desde a capa e o título que escolheu para o seu livro, fala sobre sua identidade e, conseqüentemente, sobre sua est(ética) literária. Nele ainda ensaia o mesmo caminho de alguns modernistas no início do século XX ao fazer uso da técnica de haicais para escrever sua poesia. A ideia de encontrar outras culturas fora do pensamento europeu, certamente, é uma das marcas de sua preocupação estética. No entanto, essa recuperação do modelo oriental demonstra também uma preocupação ética. Em sua poesia, vemos reunidos os povos esquecidos e subalternizados pelo ocidente, a mestiçagem e todo o processo de busca de identidade que envolve esse encontro. Por isso, temas como alteridade, territorialidade, dor e utopia fazem parte de sua obra. O seu fazer literário é, assim, um processo de reconhecimento de si, de embates, críticas e buscas por mudanças.

Nome: Diego Nascimento Araújo (UFC) professordiegonascimento@gmail.com

Um corpo para ser lembrado em *Ninguém vai lembrar de mim*, de Gabriela Soutello

Palavras-chave: Literatura lésbica; Gabriela Soutello; Silenciamento.

Resumo: A produção literária escrita por mulheres é marcada por apagamento e silenciamento. Negadas a ocupar determinados espaços da produção ficcional, as mulheres que escreviam sofreram a amarra do esquecimento. Pensar no papel dessas mulheres na escrita é entender que toda ficção feminina é escrita nas bordas de um sistema que prioriza o masculino heteronormativo. Felizmente, graças às pautas feministas, a literatura de autoria feminina avança e ocupa espaços, entretanto ainda existe uma amarra a ser superada: a inserção da mulher lésbica. Este trabalho se propõe a analisar a personagem lésbica sob a óptica de uma escritora também lésbica. A partir do livro de estreia de Gabriela Soutello, *Ninguém vai lembrar de mim* (2019), vamos investigar como um corpo esquecido busca (r)existência a partir do texto literário. Por se tratar do gênero crônica, o livro de Soutello é um importante registro

de pertencimento desse corpo invisibilizado. Assim, pesquisadoras feministas-lésbicas como Polesso (2000) e Hooks (2020) compõem esta pesquisa, pois a partir da inscrição de *corpus* que refletem vivências de dois iguais, compreendemos a necessidade de ser lembrada (no feminino E lésbico).

Nome: Erika Jane Ribeiro (UNEB) erikabrit@hotmail.com

Antologias de mulheres como espaços de resistência

Palavras-chave: Antologia; autoria feminina; literatura dissidente

Resumo: Ao longo dos tempos, as antologias, sobretudo aquelas produzidas de modo independente, têm sido importantes ambientes de acolhimento e propagação de vozes, sentidos e vivências, geralmente, não acolhidas ou reconhecidas pelo panteão discursivo e literário assentado em raízes patriarcais colonizadoras. Essas antologias, além dos coletivos artísticos-literários, apresentam-se como espaços importantes de resistência e, por meio delas, mulheres vêm ajuntando-se, a fim de fortalecerem seus processos criativos, mas sobretudo para darem dizibilidade às suas experiências, enquanto sujeitos políticos diversos. Essas antologias abrigam a pluralidade de existências, identidades, territórios, linguagens, temáticas, rompendo com os padrões canônicos e colonizadores que sempre excluíram – e ainda insistem em excluir – mulheres, sobretudo negras, periféricas, camponesas ou cuja orientação sexual destoe dos grilhões heteronormativos. Esses movimentos literários e culturais dissidentes, marcados pela ação coletiva e resistente a essas barreiras coloniais, podem ser compreendidos como variações do “Cuierlombismo”, conceito criado e defendido por Tatiana Nascimento. Nessa perspectiva de ajuntamento político-literário, mulheres poetas e escritoras do interior da Bahia têm se reunido em antologias, bem como utilizado linguagens artísticas variadas, mesclando escrita literária e produção audiovisual, a fim de ecoarem suas vozes e vivências, para além das estereotípias de gênero e em torno do Semiárido e dos modelos colonizadores.

Nome: Fátima Bezerra Negromonte (UFS) fbnegromonte@academico.ufs.br

Tensões e conflitos em *A viúva Simões*, de Júlia Lopes de Almeida

Palavras-chave: *A Viúva Simões*; Júlia Lopes de Almeida; maternidade; mulher; paixão.

Resumo: Júlia Lopes de Almeida foi uma das principais escritoras brasileiras do final do século XIX e início do século XX, sua obra é composta por mais de quarenta títulos, que incluem diversos gêneros literários, como prosa, versos, folhetins e escritos jornalísticos, nos quais a mulher exerce o protagonismo. No entanto, apesar da relevância de sua obra no seu momento histórico e de ela ter sido, juntamente com Machado de Assis, uma das principais idealizadoras da Academia Brasileira de Letras, seu nome nem sequer foi cogitado a integrá-la, uma vez que essa instituição não permitia o ingresso de mulheres. Nessa direção, o objetivo do nosso trabalho é discutir a contribuição de Júlia Lopes de Almeida em defesa da igualdade de gênero ao construir personagens femininos que rompiam com os padrões impostos à mulher pela sociedade androcêntrica e patriarcal de sua época. Nossas análises focalizam os conflitos vivenciados por Ernestina, protagonista do livro *A Viúva Simões*, entre viver a sua viuvez e o exercício da maternidade segundo o pudor e o decoro socialmente estabelecidos em sua época, ou lutar para reviver a sua grande paixão da juventude.

Nome: Flávia Amparo (UFF/CPII) flaviaa@id.uff.br

Children's corner: o resgate do lírico na obra de Clarice Lispector

Palavras-chave: *Children's corner*; Clarice Lispector; lírico

Resumo: A década de 50 foi um período de silenciamento da romancista Clarice Lispector para dar lugar à contista, à cronista e à jornalista, num período de intensa contribuição nos jornais, sendo que muitas dessas contribuições seriam elaboradas e reelaboradas em ocasiões posteriores. Assim, pretendemos verificar como o jornal funcionou para Clarice como uma espécie de laboratório ficcional, em que pôde elaborar sua escrita e ter o retorno mais imediato da crítica e do público. Considerando tal perfil, buscou-se rastrear os impactos da crítica na construção da obra no início da carreira da escritora e as influências que marcaram sua trajetória, ecoando na produção ficcional feita especialmente para os jornais. Pretende-se avaliar a presença de motivos reiterativos na escrita da autora, tomando como base a publicação de *Children's corner*, composição híbrida de Clarice, inspirada em Claude Debussy, que seria publicada em ocasiões distintas e transformada, posteriormente, em contos e crônicas que seriam publicadas, de forma independente, em livro. Deseja-se recompor em que medida a poesia e a música tiveram influência na renovação dos modelos da narrativa curta clariciana e na concepção criativa que ela viria a adotar na construção de uma obra autoral inovadora.

Nomes: Francisca Liciany Rodrigues de Sousa (UFPI); Maria Elenice Costa Lima

Lacerda (IFCE) elenice.lima@ifce.edu.br

A maternidade e a escrita na poesia de Ana Elisa Ribeiro

Palavras-chave: maternidade, corpo, escrita, autoria feminina.

Resumo: Maternidade e escrita parecem coisas díspares e, muitas vezes, inconciliáveis. Afinal, se ser escritora pode ser considerado um ato transgressor, para as mulheres mães, escrever torna-se ainda mais iconoclasta, visto que a imagem que se tem da maternidade é ligada a uma abnegação e a uma idealização incompatíveis com a escrita literária e suas problematizações da realidade e do imaginário. Discutiremos essas e outras questões a partir de alguns poemas, entre os quais “Crias”, “Prenhez” e “Ultra”, de Ana Elisa Ribeiro. Através deles, refletiremos acerca das relações entre a maternidade, a escrita e a condição da mulher na literatura de autoria feminina. A fim de aprofundar essas demandas, nossa comunicação dialoga com os estudos realizados por Simone de Beauvoir (2019), sobre as questões socioculturais que costumam definir o ser mulher; as reflexões de Virginia Woolf (2012, 2014, 2019) sobre a autoria feminina, o corpo feminino e o reconhecimento do trabalho materno; as pesquisas de Elisabeth Badinter (1985, 2010) acerca da maternidade compulsória e, mais recentemente, das consequências da criação do estatuto do amor materno para a contemporaneidade. Acreditamos que os poemas de Ana Elisa Ribeiro expõem as relações entre as vivências maternas e a escrita literária, deslocando a temática de seu lugar habitual e abrindo as possibilidades de percepção sobre a mulher, a escrita e as experiências do corpo.

Nome: Gabriela de Castro Maciel de Oliveira (USP) gabrielaa@usp.br

Autoria feminina: outra forma de perceber a sexualidade feminina negra

Palavras-chave: Colonialismo; Pós-colonialismo; Sexualidade da mulher negra.

Resumo: *Caderno de memórias coloniais* (2010) e *Nikette* (2001) têm em comum a representação da mulher negra sem o apagamento da sua sexualidade. A primeira obra apresenta o tema no contexto da ordem política colonial, essencialmente racista e patriarcal, denunciando seus efeitos sobre a mulher negra e o direito dela ao próprio corpo. A segunda

contrapõe a mesma lógica, que tende a unificar as pretas sob a égide de um estereótipo comum, com a construção de personagens femininas com inúmeras divergências entre si no que se refere à compreensão que cada uma faz do próprio corpo e sexualidade. Nesse sentido, é objetivo desta pesquisa identificar como a sexualidade da mulher negra é vista pelas mulheres brancas da colônia apresentada por Isabela, e contrastar essa perspectiva com a vivência da sexualidade das mulheres negras de Paulina Chiziane. Acredita-se que Isabela “queeriza” o consenso acerca do tema, porque apresenta corpos negros não adaptados ao estereótipo colonial hipersexualizado e porque introduz uma crítica a esses discursos. Do outro lado, em Paulina, são mulheres pretas que falam, por vezes respondendo diretamente aos estereótipos e falas de exclusão expostos por Isabela. Em ambas as obras, a autoria feminina desponta como uma alternativa aos discursos tradicionais.

Nome: Heloísa Iaconis da Costa (USP) heloisacosta@usp.br

Clarice a cada sábado – as crônicas de Clarice Lispector no *Jornal do Brasil*

Palavras-chave: Literatura; Jornalismo; Crônica; *Jornal do Brasil*.

Resumo: De 1967 a 1973, Clarice Lispector aparece no Caderno B do *Jornal do Brasil*. Nesse espaço, a romancista constrói, semana após semana, “conversas de sábado”, colunas que apresentam, com delicadeza afiada, um leque grande de temas, circunstâncias, personagens e composições textuais. Esta pesquisa busca compreender tal produção clariciana, vista a partir do laço dual entre jornalismo e literatura. Classificados como crônicas, os escritos em destaque dialogam de forma muito particular com o gênero que é, no íntimo, um caleidoscópio do cotidiano. Clarice aproxima-se e, ao mesmo tempo, afasta-se daquilo que é, comumente, tido como crônica. Desse modo, a autora apropria-se do consolidado e reinventa, a seu modo, um terreno que bem permite liberdades várias. A matéria deste estudo é, portanto, algo que se encontra no meio: no meio do jornalismo e da literatura, a crônica; no meio da crônica e da não crônica, a crônica da prosadora. O híbrido do híbrido, em resumo. Um pescar de entrelinhas rápidas, fugazes que, em última instância, avivam um teor humano e empático que nem sempre possui lugar nas páginas nascidas para o agora – e que, no caso de Clarice, mantêm a essência da artista.

Nome: Isabela Feliciano Moreira (SME-RJ) isabela.feliciano.if@gmail.com

Cecília Meireles e a educação da juventude

Palavras-chave: Cecília Meireles; educação; literatura; juventude; *Crônicas de educação*

Resumo: Embora seja um nome consagrado de nossa literatura, ainda há muito em que se debruçar sobre Cecília Meireles. Sua atuação como educadora costuma ser relacionada à infância, considerando suas publicações literárias destinadas a esse público e seu trabalho como professora primária, contribuindo significativamente nessa área, inclusive protagonizando a fundação da primeira biblioteca infantil brasileira, em 1934. Entretanto, uma investigação mais atenta das *Crônicas de educação*, publicadas pela editora Global, revela em Cecília uma educadora da juventude. Para a poeta do instante e do absoluto, “a mocidade é a face mais clara do eterno que, sendo um só, por essa capacidade de mudar sem se perder, pode ser tudo, ao mesmo tempo, ou de cada vez” (MEIRELES, 2017, p. 45, vol. 1). Ela se opõe à concepção da juventude como aquela idade em que não se tem noção da vida e que, portanto, deve apenas aprender passivamente com os mais velhos, que, em teoria, são suficientemente maduros, sábios e vividos para atuar ativamente nesta tão breve existência. Este trabalho destina-se à apresentação da Cecília Meireles potencializadora da juventude, de modo que cada criança, adolescente e jovem pense, sinta, queira, realize.

Nome: Isadora Pessoa Fernandes (UFF) isadorapessoa@id.uff.br

A violência na representação da mulher: possibilidades de rupturas nos contos de Jarid Arraes

Palavras-chave: representações femininas; violência; rupturas.

Resumo: A presente comunicação busca se debruçar sobre três contos da autora cearense Jarid Arraes para responder a uma questão: como as mulheres na literatura brasileira são representadas para além do signo da violência? Quais são as possibilidades de ruptura e também as continuidades apresentadas? Para buscar responder, é necessária uma breve recuperação das representações femininas em três contos da obra *Redemoinho em dia quente*: “Cinco mil litros”, “Gesso” e “Telhado quebrado com gente morando dentro”. Através da recuperação das teorias de Bourdieu (2014) acerca da dominação masculina e da dinâmica de forças que engendra e perpetua o *habitus*, bem como das definições de violência utilizadas por Hirigoyen (2012),

trabalham-se as formas como a ficção pode apontar interrogações acerca de premissas críticas e formações canônicas, bem como tensionar as representações dominantes calcadas no discurso assimilacionista de um sujeito nacional que muitas vezes apaga as vivências femininas.

Nome: Jacopo Pedrotti (Universidade de Coimbra) jacopo.pedrotti1@gmail.com

***Diário de Bitita*, de Carolina Maria de Jesus: racismo, sexismo e desafios da tradução**

Palavras-chave: Carolina Maria de Jesus; Tradução; Sexismo; Racismo.

Resumo: *Diário de Bitita* (1986) é um relato autobiográfico, de Carolina Maria de Jesus, que, por meio do seu olhar de mulher negra e marginalizada, nos apresenta as condições de vida da comunidade afrodescendente no período pós-abolição. Trata-se de uma realidade dolorosa, cruel e que se apresenta através da fome e das dificuldades por que passa a protagonista Bitita. O racismo estrutural, o racismo institucional, o sexismo e as desigualdades entre as classes sociais, as quais estão ligadas à questão de raça, estão presentes durante toda a infância e adolescência da escritora, narradas nessa obra. É especialmente aí que se encontra a necessidade e a atualidade da obra de Carolina Maria de Jesus, texto de extremo valor para entender as bases da sociedade brasileira. Com apoio nas teorias de tradução feministas, a tradução italiana conta com uma mudança lexical, de modo a atualizar algumas palavras do texto de Carolina Maria de Jesus, para que se apresente ao leitor italiano como um texto ainda mais engajado, propondo novos termos no vocabulário italiano para referir-se às populações afrodescendentes.

Nome: Janda Montenegro (UFRJ) jandamontenegro@gmail.com

Memória e cura na ancestralidade de *O pássaro encantado*, de Eliane Potiguara

Palavras-chave: Memória; Cura; Eliane Potiguara; Literatura indígena; Ancestralidade.

Resumo: “Os avós são figuras muito importantes para os povos indígenas. Trazem os costumes, as memórias e os ensinamentos para a vida.” Com essa descrição da contracapa do livro *O pássaro encantado*, de Eliane Potiguara (2014), é que propomos construir uma linha investigativa para pensar a jornada da memória e da cura através da ancestralidade indígena –

mais especificamente, na ancestralidade potiguara – e como a autora transpõe esse caminho em sua literatura, enxergando, também, a literatura como ferramenta de cura. Para alicerçar nossa pesquisa, utilizaremos as diretrizes de Grada Kilomba (2019), em seu capítulo sobre cura e transformação; de Ailton Krenak (2020), com suas reflexões sobre as diferentes linguagens que o organismo Terra utiliza para se comunicar conosco; e de Daniel Munduruku (2020), com suas observações crônicas de mundo, em que a importância dada à vida é diferente para as pessoas, sendo que algumas parecem achar merecer mais vida que outras.

Nome: Jacqueline Oliveira Mendes (UFF) jacquemendesrj@gmail.com

O erotismo na poesia de Lívia Natália e Cristiane Sobral

Palavras-chave: Erotismo; literatura de autoria negra feminina; poesia.

Resumo: Considerando que o contexto sócio-histórico brasileiro é racista, machista e misógino, ao se pensar a situação das mulheres negras, percebe-se que estas são atingidas por diversas formas de opressões, sobretudo de gênero e de raça. Tratando-se da literatura, nota-se que a criação literária de mulheres negras, embora esteja ganhando certa notoriedade ultimamente, ainda é invisibilizada. Devido ao racismo e à desumanização de pessoas negras que ele causa, determinados temas, como amor e sexualidade, ainda lhes são interditados. Faz-se importante ressaltar a questão da hipersexualização, que retira de tais corpos sua humanidade: conseqüentemente, eles vêm sendo tratados como um objeto sexual, nunca como sujeito de sua sexualidade. Especificamente, para as mulheres negras, abordar assuntos como afetividade e sexualidade ainda é considerado um tabu, pois envolve várias particularidades, por isso a necessidade de um olhar interseccional. Na poética de Lívia Natália e Cristiane Sobral, é possível observar temas como o amor, o erotismo, o empoderamento, a autoestima do corpo feminino negro, entre outros. Assim, é de interesse principal da presente comunicação analisar como o erotismo está presente em alguns poemas selecionados das autoras supracitadas, representantes emblemáticas da literatura de autoria negra feminina contemporânea.

Nome: Joaquim Silva Neto (UFRJ) joaquimmamede@letras.ufrj.br

O erotismo enquanto motivador da presença em *Retrato dum amigo enquanto falo*, de Eduarda Dionísio

Palavras-chave: Erotismo; Retrato dum amigo enquanto falo; Literatura Portuguesa Contemporânea.

Resumo: A comunicação proposta tem como objeto de estudo o erotismo enquanto motivador da presença no livro *Retrato dum amigo enquanto falo* (1988), de Eduarda Dionísio, partindo do conceito erótico proposto por Bataille (2014), isto é, o interdito, que gerará as suas transgressões, e das pulsões de vida e morte, nomeadas como Eros e Thanatos por Freud (1915). Sendo assim, é possível observar a forte presença erótica permeando todo o livro, uma vez que são narrados, por completo, os momentos pré e pós-Revolução dos Cravos, assim como o do acontecimento, o que gerou um ambiente propício para as transgressões eróticas, dado o contexto de forte repressão da ditadura salazarista. A partir da busca da motivação dessa presença e do que ela significa no decorrer da narrativa, procurar-se-á fazer uma breve leitura de como o erotismo funciona como vetor revolucionário por meio das transgressões observadas nos atos das personagens. Para tal, foram utilizados estudos teóricos como os de Gonda (2017) e Martuchelli (2012).

Nome: Júlia Melo dos Santos (UFPEL) juliasantos.melo1302@gmail.com

Releitura da estereotipação da linguagem explícita de Carmen Dolores como linguagem masculina

Palavras-chave: Linguagem literária; Estereótipo, Carmen Dolores; Literatura feminina brasileira.

Resumo: Emília Moncorvo Bandeira de Mello (1852–1910), mais conhecida pelo pseudônimo Carmen Dolores, produziu obras da estética naturalista, como contos, romances e peças de teatro, além de ter sido jornalista. Em sua trajetória, lutou em defesa dos direitos das mulheres, quanto à educação e ao mercado de trabalho, ademais se apresentou a favor do divórcio civil. A partir da leitura do romance *A luta*, publicado primeiramente em 1909 em folhetim pelo *Jornal do Commercio*, depois como livro por H. Garnier, resolvi dedicar especial atenção à linguagem explícita utilizada pela autora, que recebeu inúmeras críticas por seu estilo

considerado “masculino”, isto é, por seu pensamento crítico e pela segurança e força de sua escrita, em uma época em que mulheres literatas eram pouco toleradas, a não ser que se mostrassem ternas, maternais e alienadas. Baseio-me teoricamente em artigo de Soihet (2009), onde a autora fala sobre as contradições de Carmen Dolores em relação ao século em que vivia. Além de utilizar outras referências da área, me questiono por que a crítica se refere à linguagem explícita da autora como uma linguagem masculina.

Nome: Juliana dos Santos Gelmini (UERJ) julianagelmini@hotmail.com

Uma leitura de *Risque esta palavra*, de Ana Martins Marques

Palavras-chave: Poesia brasileira contemporânea; Ana Martins Marques; Autoria feminina; *Risque esta palavra*.

Resumo: Ana Martins Marques (Belo Horizonte, 1977) é uma das vozes protagonistas na cena da poesia brasileira contemporânea, sendo reconhecida por Heloísa Buarque de Hollanda, no prefácio do livro *As 29 poetas hoje*, como parte do “jovem cânone da poesia de mulheres” (2021, p. 11), junto a Angélica Freitas, Marília Garcia, Alice Sant’Anna e Bruna Beber. A poesia de Ana Martins Marques atravessa várias paisagens, do luto, da memória, da viagem, do amor, por exemplo. Paisagens de palavras que pensam sobre si mesmas e giram em torno da escrita. Poesia que nos oferece uma sensação de reconhecimento, indo ao encontro da partilha comum. Meu objetivo nesta comunicação é investigar os modos de deslocamentos recorrentes que articulam suas paisagens poéticas, riscadas pela passagem do tempo, a partir da leitura crítico-interpretativa de poemas selecionados do livro *Risque esta palavra* (Companhia das Letras, 2021), como também ler o livro referido na chave da continuidade com outros livros da autora, mapeando as redes de relações que atravessam as suas paisagens em trânsito.

Nome: Karen Larissa Martins dos Santos (UEMS) karenlarissa938@gmail.com

A invisibilidade da mulher indígena na obra contemporânea *Mulheres empilhadas*, de Patrícia Melo

Palavras-chaves: Mulher indígena; Violência; Mulheres Empilhadas; Patrícia Melo.

Resumo: A presente comunicação tem como objetivo analisar a obra literária *Mulheres empilhadas* (2019), da escritora brasileira contemporânea Patrícia Melo. Nessa obra recém-publicada por Patrícia Melo, diferente das suas outras histórias, o personagem central não é um homem, mas sim, uma mulher. As mulheres que ela apresenta são mulheres que vivem à margem da sociedade. Nela, a autora expõe uma história fictícia com personagens reais. Dando ênfase na invisibilidade da mulher, especialmente a indígena, visto também que será feito um breve apontamento sobre a violência que as mulheres sofrem e como a violência contra a mulher está enraizada na sociedade, caracterizando parte da cultura da socialização naturalizada, exploraremos o modo como são representadas as relações de gênero através da denúncia da violência sofrida pelas mulheres nessa obra contemporânea, a qual se detém em subverter os valores estéticos e ideológicos que vêm marcando época. A metodologia baseia-se em conceitos adotados por teóricos pós-modernos e em teorias de críticas feministas como Regina Dalcastagnè (2009), Eni Pulcinelli Orlandi (1990), Anne Phillips (2001), Antonio Candido (2009), Heleieth I. B. Saffioti (2004).

Nome: Karine Aragão (PUCRJ) karine-aragao@hotmail.com

Um útero não me define: a poesia de Angélica Freitas

Palavras-chaves: Angélica Freitas; Poesia; Corpo; Feminino.

Resumo: A poesia de Angélica Freitas representa, na literatura contemporânea, uma possibilidade de se debater sobre variados imaginários culturais que cercam a sexualidade e o corpo feminino, questionando, por exemplo, os pressupostos da maternidade compulsória, da subserviência nata e do desejo sexual como luxúria, como pecado. Se, em 1949, Simone de Beauvoir colocou o corpo no centro do feminismo como tema político, pontuando que toda existência é localizada e recusando a noção de homem como sinônimo de humanidade, a escrita de *Um útero é do tamanho de punho* (2012) aprofunda as demandas levantadas no século passado e escancara a permanência do patriarcado, perguntando ao lado de Beauvoir: o que faz a existência de uma mulher não ser livre? Os versos de *Um útero é do tamanho de um punho* são imagens de desconstrução, de nudez, de resgate sensorial, de encontro com um corpo que não aceita mais ser dócil, domesticado e adestrado para caber.

Nome: Karine Oliveira da Rocha (UFRJ) karine.or@hotmail.com

A realização feminina em espaços paralelos: *A Rainha do Ignoto* (1899), de Emília Freitas, e *Mulheres empilhadas* (2019), de Patrícia Melo

Palavras-chave: autoria feminina; utopia; feminismo.

Resumo: Esta comunicação tem como objetivo propor uma análise comparativa das sociedades utópicas construídas em dois romances brasileiros de autoria feminina: *A Rainha do Ignoto*, de Emília Freitas, publicado em 1899, e *Mulheres empilhadas*, de Patrícia Melo, publicado em 2019. Cento e vinte anos separam as duas obras, bem como outros aspectos que são característicos de cada uma; porém, este trabalho busca ressaltar os elementos e aspectos em comum entre elas, como a crítica ao patriarcalismo, ao machismo, à violência física e psicológica contra mulheres, à misoginia etc. Tendo como principal ponto de aproximação entre os dois romances a criação ficcional de sociedades utópicas reinadas por mulheres, busca-se compreender o sentido que a criação desses espaços paralelos apresenta nessas obras; espaços idealizados onde apenas mulheres reinavam (DUARTE, 2003). Em ambos os textos, esse *locus* de realização feminina é envolto pelo ignoto, isto é, pelo desconhecido ou ignorado, o não lugar, o plano irreal ou dos sonhos.

Nomes: Karollayne Martins Gonçalves (UFG); Hellen Cristina Lopes de Carvalho (UFG); Sabryna Thais Silva Nogueira (UFG) martinskarollayne@discente.ufg.br
***A cachorra*, de Pilar Quintana: maternidade e violência**

Palavras-chave: Maternidade; corpo; violência; literatura de autoria feminina; *A cachorra*.

Resumo: Esta comunicação pretende contribuir com as discussões literárias relacionadas à maternidade e à violência no romance contemporâneo latino-americano *A cachorra* (2020), da colombiana Pilar Quintana. A análise tem como foco a personagem Damaris, que é atravessada por discursos oriundos de uma organização patriarcal da sociedade, os quais responsabilizam a mulher pela concepção dos filhos e pela criação da família. Sendo assim, ao adotar uma cadela filhote e projetar os ideais maternos sobre ela, Damaris encontra na maternidade uma forma de se afirmar como mulher, já que ela não atende aos demais requisitos da feminilidade, pois seu corpo se encontra fora dos padrões femininos cobrados por uma sociedade machista. Além disso, a protagonista é permeada de violência de diversos tipos, desde a sofrida no âmbito

familiar até aquela herdada do seu meio social, na infância e na vida adulta. Para alcançar tais objetivos, este estudo se sustenta, principalmente, nos fundamentos teóricos de Mikhail Bakhtin (2002), Claudio Magris (2009), Elizabeth Grosz (2000), Cristina Steves (2007), Maria Cecília Minayo (2010), entre outros estudiosos.

Nome: Katria Gabrieli Fagundes Galassi (UFRJ) katriagabiletras@hotmail.com

O baile de verniz: a mulher de cor subjugada pelas vestes da memória

Palavras-chave: Literatura feminina africana; Memória; Subalternidade feminina.

Resumo: Não há melhor espaço para visualizar de forma pura e concreta as histórias sobre a história, constantemente calada, do que na literatura. As vozes femininas, que por tanto mais tempo tiveram de permanecer em silêncio, são as que melhor dizem e as que mais confrontam as realidades perdidas, pois suas dores souberam guardar tanto o que mais as fez padecer quanto o que mais as motivou à caminhada rumo à esperança. A literatura de autoria feminina em países de língua portuguesa mostra-se em constante desenvolvimento e produção. A sutileza dessas vozes leva aos ouvidos dos leitores o sussurro reprimido dos ventres maternos, concretizados ou não, que através do tinteiro traçam os caminhos desses pés calejados e dessas mãos que tanto tempo estiveram atadas. Dina Salústio, escritora cabo-verdiana, em suas obras destaca a figura feminina e as diversas situações pelas quais ela passa na vida cotidiana, bem como as angústias do seu interior. Aqui, pretende-se criar um pequeno diálogo através das águas, entre o conto “Sapatos de verniz”, de Salústio, e o conto “O baile de Celina”, de Lília Momplé.

Nome: Laila Correa e Silva (UNICAMP) lailacorreaesilva@gmail.com

Ignez Sabino (1853-1911): abolicionista e feminista entre Brasil e Portugal

Palavras-chave: Sufragismo; Feminismo; Autoria feminina no século XIX.

Resumo: Maria Ignez Sabino Pinho Maia foi uma escritora baiana atuante na imprensa feminista no Brasil e em Portugal, entre fins do século XIX e início do século XX. Sua carreira literária iniciou-se em Pernambuco, com a publicação de poemas, como “Away” (1885),

dedicado à diretoria da organização abolicionista composta por mulheres de Recife, a Aves Libertas. A escritora publicou coletâneas com poesias e contos entre 1886 e 1897, um romance em 1898, biografias sobre mulheres notáveis da história e da literatura brasileira, além de artigos e ensaios em jornais e revistas de Lisboa (*Novo Almanach de Lembranças* e *Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro*) e publicações em jornais de diferentes regiões do Brasil. A notoriedade de Ignez Sabino foi ressaltada em biografias escritas por brasileiros e portugueses, destacando sua vinculação a inúmeros grêmios artísticos, literários e científicos, apresentando como balanço final a consideração de que não seria de “estranhar que a vejamos um dia ocupando” um lugar na “nossa Academia Brasileira, o que parece ser talvez a sua aspiração”. Contudo, nem Sabino ou suas contemporâneas de ofício chegaram a ocupar um posto na ABL, apesar do incansável exercício da escrita.

Nome: Larissa do Santos Pinheiro (UECE) larissapinheiro0816@gmail.com

Descolonizando o eu: representações da literatura afro-brasileira em Geni Guimarães

Palavras-chave: Literatura afro-brasileira; Autoria feminina; Decolonialidade.

Resumo: De acordo com a pesquisadora e socióloga nigeriana Oyèrónke Oyèwùmí, descolonizar é desaprender os modos de submissão em todas as suas camadas, é recuperar nossos “hábitos de soberania”. Soberania não no sentido de superioridade, mas no sentido de que, enquanto sociedades pós-coloniais que ainda permanecem à sombra da estrutura colonial, possamos romper com essa estrutura e caminhar contra a lógica da colonialidade. Partindo dessa premissa, intencionamos trazer à tona neste trabalho uma análise literária e crítica da literatura representativa e de autoficção da autora afro-brasileira Geni Guimarães, mais especificamente de dois contos que estão presentes em sua obra *Leite do peito* (2001), intitulados “Tempos escolares” e “Metamorfose”. Para embasar esta análise, utilizamos como aportes teóricos os estudos da pesquisadora e psicanalista Grada Kilomba a partir do seu livro *Memórias da plantação – episódios de racismo cotidiano* (2019), em que a autora desenvolve conceitos de descolonialidade e alteridade por meio da intersecção entre raça, gênero e classe. Ainda nos embasaremos nos apontamentos desenvolvidos por Duarte (2011), Moore (2010), Souza (2005), Silva (2010) e, por fim, nas perspectivas descoloniais aludidas por Grosfoguel (2008) e Quijano (2000).

Nome: Laura Barbosa Campos (UERJ) laurabcampos9@hotmail.com

Do luto ao livro: a relação mãe e filha em Noemi Jaffe

Palavras-chave: luto; mãe; Noemi Jaffe

Resumo: De Roland Barthes a Annie Ernaux, passando por Aline Bei ou Clarice Fortunato, a relação com a mãe é insistentemente tematizada na literatura contemporânea, podendo se apresentar de forma conflituosa ou não, como toda relação humana. Em *Lili – novela de um luto* (2021), Noemi Jaffe escreve sobre a dolorosa perda de sua mãe, Lili Jaffe, ocorrida em fevereiro de 2020, assim a autora escreve também sobre si mesma. A figura materna já havia sido alvo da literatura de Noemi em *O que os cegos estão sonhando?* (2012), livro composto pelo relato de Lili Jaffe acerca de sua experiência no campo de concentração durante a Guerra, além de uma segunda parte, mais extensa, com considerações de Noemi sobre a narrativa de Lili, e por um texto final de Leda Cartum, filha de Noemi. Na presente comunicação, apontaremos o diálogo existente entre os dois livros de Noemi acima mencionados. Destacaremos aspectos do trabalho de elaboração do luto; a presença central da interlíngua de Lili na obra de Noemi Jaffe e, por fim, analisaremos a comida como um vetor privilegiado da memória familiar em *Lili – novela de um luto*.

Nome: Laura Camila Silva Alves (UEPA) laura-alves1@live.com

A não feminilidade em *Herland – A terra das mulheres*, de Charlotte Perkins Gilman

Palavras-chave: Feminilidade; *Herland*; Charlotte Perkins Gilman; Patriarcalismo.

Resumo: A presente pesquisa pretende analisar a não feminilidade presente no livro *Herland – A terra das mulheres*, de Charlotte Perkins Gilman, no sentido de que os estereótipos e noções sobre a figura feminina presentes no imaginário social ganham uma nova visão, distanciada do papel de mulher-doméstica, mulher-inocência e mulher-maternidade. Nesse sentido, analisaremos o livro da autora de modo a desvendar como a feminilidade construída pela sociedade patriarcalista é completamente deturpada e desfavorável à união das mulheres, ao passo que na ficção utópica de Charlotte Gilman encontraremos uma nova imagem do que pode vir a chamar-se de “estética feminina”. Para isso, foram utilizadas as pesquisas feitas por Gerda Lerner em *A criação do patriarcado* (2019), Pierre Bourdieu em *A dominação masculina*

(2002) e Simone de Beauvoir em *O segundo sexo* (2009), entre outros autores que irão nortear nossos estudos.

Nome: Leonardo Freitas de Carvalho (UERJ) leonardofcarvalho94@hotmail.com

Do policial às digressões psíquicas: a violência no heterodiscurso de *Mulheres empilhadas*, de Patrícia Melo

Palavras-chaves: Heterodiscurso; Violência; *Mulheres empilhadas*.

Resumo: *Mulheres empilhadas* (2019), de Patrícia Melo, é um dos romances mais violentos da autora em questão, visto que a narrativa é costurada à frente de uma série de casos relacionados à violência doméstica e a casos ligados ao feminicídio, aspectos que se referem, inclusive, ao empilhamento ressaltado no título. Pautado por uma estrutura de narrativa policial, que pelo percurso investigativo salienta imagens incômodas atreladas a cadáveres e ameaças das mais agudas pendidas à personagem principal, o texto de Melo se apropria, também, do discurso jornalístico-informativo, quando manchetes de jornal estampam, antes de cada capítulo, a brutal violência contra diversas mulheres anônimas, e de um discurso mais intimista, isto é, mais atrelado a digressões psíquicas da personagem principal, para distribuir relevantes graus de violência ao longo do livro. Propomos neste trabalho, portanto, analisar a forma como esse romance impacta o leitor à luz do seu heterodiscurso violento, que enlaça a enunciação investigativa às digressões traumáticas da protagonista e ao discurso jornalístico-informativo. Como capital apoio teórico, tomaremos como base as reflexões sobre a prosa romanesca de Mikhail Bakhtin (2015) para analisarmos justamente as modulações discursivas existentes na composição da obra da autora brasileira.

Nome: Lilia Ricardo de Sousa (IFCE) lilia-ricardo@hotmail.com.br

O protagonismo feminino na literatura: entre memórias e flashbacks no romance *As horas nuas*, de Lygia Fagundes Telles

Palavras-chaves: Literatura; Protagonismo feminino; Memória.

Resumo: O trabalho versará sobre o romance *As horas nuas* (1989), da escritora Lygia Fagundes Telles (1923-). Uma característica marcante da escritora é o protagonismo feminino em suas obras. O estudo terá como objetivo analisar a condição feminina na obra, focalizando as facetas da mulher no ofício de atriz e as relações que a personagem cria ao longo do romance. A autora cria uma narrativa que une memórias e flashbacks como subterfúgio de Rosa Ambrósio, a personagem principal. Na obra em questão, ela discute sobre a mulher na sociedade e seu espaço na literatura. Em sua obra, Telles aproxima o leitor do texto, colocando um leque de opções para interpretar seus romances. Com forte teor feminista e filosófico, a obra *As horas nuas* estabelece uma conexão entre literatura e outras linguagens da arte, possibilitando ao leitor um recorte da figura feminina em diversos ambientes da sociedade. Será feita uma pesquisa bibliográfica sobre as principais características das figuras femininas, buscando discutir como o processo narrativo da escritora envolve a intertextualidade e outras linguagens, tendo como base artigos já previamente selecionados e lidos de Regina Dalcastagnè, Alfredo Bosi, Antonio Candido, Zygmunt Bauman, Tânia Carvalhal, bem como de outros autores eventualmente escolhidos no decorrer da pesquisa. A investigação deste trabalho será baseada nas reflexões e pressupostos de teóricos que têm implicações importantes para a definição e construção dos conceitos discutidos nesta análise. Por meio de pesquisas em livros, trabalhos acadêmicos, resenhas e estudos de outras linguagens, esta pesquisa buscará mostrar a relevância da referida obra no contexto da Geração de 45.

Nome: Lilian Reichert Coelho (UFSB) lilireichert@gmail.com

Ambiguidades do tempo e da linguagem em *Hotel Mundo*, de Ali Smith

Palavras-chave: Literatura Contemporânea; Ficção; Literatura em língua inglesa.

Resumo: Apresenta-se uma aproximação à narrativa de *Hotel Mundo*, da escritora escocesa contemporânea Ali Smith, a partir da interrogação das relações ambíguas entre o tempo – que, inclusive, nomeia os capítulos do romance – e o manejo da linguagem. São cinco personagens mulheres de algum modo ligadas a um acontecimento inesperado e fatal: a morte de uma jovem camareira de uma das filiais do Hotel Global. Nossa questão-guia firma-se a partir da suspeita de que Smith não constrói uma história, mas costura uma “quase história” por meio do entrelaçamento de “micro-acontecimentos sensíveis” que não sucedem às cinco personagens, mas derivam de suas percepções, de suas impressões do momento presente. Com a mudança do foco em cada uma das personagens em cada capítulo, a linguagem muda, acompanhando

movimentos de subjetivação e dessubjetivação, conforme as experiências de cada uma dessas mulheres: Sara, Else, Lise Penny e Clare. Também abordamos a dinâmica da relação entre as personagens e os objetos, importante na reflexão crítica da autora sobre a sociedade contemporânea, metaforizada pelo hotel. Para tratar dos referidos aspectos, convocamos como principal referência Jacques Rancière e a fortuna crítica sobre Smith como Marcolino (2018), Benfield (2017), Sparbo (2019), Szymańska-Sabala (2002) e outros/as.

Nome: Lilian Santana da Silva (UFAL) naili.salt@gmail.com

Memória e resistência na escrita de mulheres negras: uma análise discursiva

Palavras-chave: Análise do Discurso; Memória; Autoria feminina negra.

Resumo: Esta comunicação, produzida a partir de uma pesquisa de doutorado em andamento no Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura – UFAL, discute o simbólico e o imaginário na linguagem de autoras negras. Parte-se de rastros da memória discursiva, tomados como escritas de si, que revelam e desvelam as construções de estratégias para combater o silenciamento. Sob a perspectiva da Análise de Discurso de linha materialista e em diálogo com o Feminismo Negro, a análise apresenta os lugares enunciativos e as posições-sujeito no discurso, correlacionados a tópicos recorrentes, como a invisibilidade e os estereótipos sobre mulheres negras, contrapostos à reivindicação da voz, da história de mulheres negras e à afirmação de identidades positivas. Pensando o lugar de fala específico da mulher negra e como o “sentido pode/podia ser outro” (ORLANDI, 1992), tomaremos os contos “A preta da terra”, de Lorena Barbosa, e “Qual é o teu nome”, de Esmeralda Ribeiro, para refletir sobre o uso da palavra como prática efetiva que conduz a existência e resistências das mulheres negras. Assim, a materialidade discursiva, em análise, é compreendida como monumento que traz em si o verbo como cura para a subalternização e desumanização, e do sujeito atravessado, uma inscrição em novos discursos.

Nomes: Lívia Costa do Carmo (UNEB) e Lílian Almeida de Oliveira Lima (UNEB)

liviacosta.euamo@hotmail.com

Marce, de Gláucia Lemos: a representação da mulher na literatura contemporânea

Palavras-chave: Literatura brasileira contemporânea; Representação feminina; Gláucia Lemos.

Resumo: A representação feminina na literatura contemporânea brasileira mostra uma face da história de opressão das mulheres a partir do conservadorismo sócio-histórico e cultural. Na presente comunicação, discute-se sobre a representação da mulher na literatura contemporânea e verifica-se como a autora Gláucia Lemos representa a mulher na obra *Marce* (2013). A investigação identifica elementos presentes no romance que corroboram a representação da mulher. São analisadas as marcas de representação a partir da protagonista e demais personagens femininas e masculinas que estão ligadas à personagem principal e influenciaram no processo de (des)construção, emancipação e libertação. *Marce* contribui para o crescimento da literatura escrita por mulheres, visto que as discussões estão centradas na vida familiar e social da personagem feminina, nas rupturas e transgressões. O estudo foi realizado a partir de fontes teóricas: Angélica Soares, Heleieth Lara Bongiovani Saffioti, Judith Butler, Lílian Almeida de Oliveira Lima, Márcia Hoppe Navarro, Maria Lúcia Rocha-Coutinho, Nelly Novaes Coelho, Norma Telles e Rosiska Darcy Oliveira, que fazem referência à representação feminina na literatura contemporânea. A análise pautou-se numa metodologia bibliográfica. Gláucia Lemos constrói e apresenta a protagonista narradora como uma mulher que vai contra os preceitos do sistema patriarcal e as tradições familiares para alcançar a liberdade.

Nome: Lívia Verena Cunha do Rosário (UFF) liviaverenac@gmail.com

Minha casa é onde estou: os sentidos da migrância na obra de Igiaba Scego

Palavras-chave: Migração; Itália; Somália; Pertencimento.

Resumo: “Eu sou uma encruzilhada”, afirma Igiaba Scego em sua autoficção *Minha casa é onde estou* (2018). A intersecção de identidades, países e nacionalidades marca a trajetória da autora-personagem. Filha de refugiados somalis e nascida na Itália, Igiaba questiona e é sempre questionada sobre sua origem: africana ou italiana? A obra de Igiaba Scego, particularmente o romance objeto deste estudo, provoca muitas reflexões sobre o tema que autores como Chamoiseau (2017) e Brodsky (2016) afirmam ser central para compreender o século XXI: o desenraizamento. Assim, o objetivo principal da comunicação é discutir os sentidos da migrância a partir do romance *Minha casa é onde estou*, já que, na obra, Scego parte da

tentativa de remapear a trajetória de sua família na diáspora somali, ao mesmo tempo que reflete sobre o sujeito-migrante-negro-africano na Europa, mais especificamente na Itália, país que ainda nega seu passado colonial. Cidadã italiana, mas muitas vezes tratada como estrangeira, Igiaba representa os conflitos daqueles que nascem ou vivem no exílio, condição amplamente retratada por Hall (2003), Said (1999) e Sayad (2000); no entanto, a autora o faz associando ainda gênero e raça às questões das mobilidades contemporâneas, sobretudo em um país central para pensar a crise humanitária dos refugiados. Entre Roma e Mogadíscio, entre a língua italiana e a língua somali, entre novas e antigas formas de controle da circulação de pessoas, pretende-se então discutir os sentidos da migração através de três pontos da obra: memória e espacialidade; políticas de hostilidade; língua e resistência.

Nome: Lorena Luana Dias da Silva (FURG) lorenadays93@gmail.com

Solidão e escrita em *Pequena coreografia do adeus*, de Aline Bei

Palavras-chave: Solidão; Literatura contemporânea; Aline Bei; Literatura brasileira.

Resumo: Proponho analisar o romance *Pequena coreografia do adeus* (2021), segundo livro publicado pela escritora brasileira contemporânea Aline Bei (1987). O romance apresenta a protagonista Júlia Terra, que tem no nome o indicativo de que, mesmo devastada, ela permanece viva, sobrevivendo à solidão da mãe e de si mesma. O romance permanece com a estética da inespecificidade do gênero, mencionada por Florencia Garramuño (2017). *Pequena coreografia do adeus* continua propondo repensar o romance contemporâneo a partir de uma estrutura poética, com palavras em versos e distintas disposições das estruturas sintáticas na página. Ao analisar as personagens presentes na narrativa, identifiquei uma ausência de afetos entre mãe e filha, que é intensificada pela separação dos pais, o que resulta na solidão de Júlia como um lugar de encontro com a sua busca por uma identidade.

Nome: Lorrany Andrade da Cruz (UFG) lorrany005@discente.ufg.br

Mulheres negras na corda bamba da vida em “Ana Davenga” e “Maria”, de Conceição Evaristo

Palavras-chave: Conceição Evaristo; Mulheres negras; Escrivências.

Resumo: Nesta comunicação, temos como objetivo analisar a condição feminina das mulheres negras nos contos “Ana Davenga” e “Maria”, que fazem parte de *Olhos d’água* (2014), de Conceição Evaristo. No primeiro, acompanhamos a personagem Ana Davenga e seu companheiro, Davenga, que são assassinados juntos quando policiais invadem seu barraco e metralham ambos com balas. No segundo, Maria está voltando para casa de ônibus e é linchada pelos passageiros depois de ser acusada de ser cúmplice de um assalto feito por um ex-companheiro. Assim, notamos como essas personagens estão na corda bamba da vida. Segundo Abdias Nascimento (2017), o brutal processo de colonização portuguesa no Brasil, por vários meios, praticou o genocídio de pessoas negras através de um racismo mascarado. Esse modelo patriarcal supremacista branco, instaurado durante o período colonial, faz com que a sociedade brasileira seja racista, classista e cisheterossexista. Portanto, as mulheres negras estão em um lugar de subalternidade ainda mais difícil de ser superado, como afirma Grada Kilomba (2019), pois não são brancas nem homens. Os textos da escritora negro-brasileira Conceição Evaristo, permeados pelas suas escrevivências, são denúncias contundentes da marginalização social e das violências que fazem parte da vida da população negra no país, especialmente das mulheres negras.

Nome: Luan Douglas dos Santos (UFRJ) lds_ufrj@outlook.com

O Rio de Janeiro na escrita de Madame Chrysanthème

Palavras-chave: Rio de Janeiro; Memória; Paisagem urbana.

Resumo: A presença de Madame Chrysanthème na cena literária brasileira equivale a uma dessas inusitadas experiências que proporcionam ao pesquisador a rara alegria da descoberta científica. É o que podemos depreender da leitura do artigo de Rosa Gens intitulado “Cecília Vasconcelos e as modernas mulheres: a figuração de Chrysanthème”, publicado por ocasião do 15^a Encontro da Associação Brasileira de Literatura Comparada em 2016. Chrysanthème publicou artigos, contos, crônicas, ensaios, resenhas e até mesmo livros infanto-juvenis, entre o período de 1903 a 1948, além de ter publicado, segundo as palavras da imprensa, “excelentes romances de observação”. Foi somente a partir do resgate da literatura de autoria feminina no campo acadêmico, impulsionado por pesquisas que privilegiam a recuperação de perfis literários de autoras desconhecidas, que passamos a estudar a inserção de Chrysanthème no contexto do debate literário atual no país. Dando continuidade a esse trabalho, portanto, pretendemos examinar os modos pelos quais se organiza a temática das paisagens urbanas da

capital do Rio de Janeiro no romance *Enervadas* da autora. Como percurso metodológico, optamos pela leitura de textos teóricos e críticos sobre a autora e o contexto em que esta se insere, tais como Zahidé Muzart, Dominique Maingueneau e Benedict Anderson.

Nome: Ludwig Ferreira Araujo (UFRJ) ludwig_araujo@hotmail.com

Segunda divisão – o romance de futebol de Clara Arreguy

Palavras-chave: Futebol; Literatura; Brasilidade; Feminino.

Resumo: O futebol ainda é tabu em nossas letras, ainda mais sendo de autoria feminina. O recorte do trabalho se dá pelas estratégias e pela sensibilidade da autoria ao retratar um universo predominantemente masculino, sem se valer dos clichês e chavões do mundo da bola, além de contribuir, através da arte, para o debate tão propício do olhar feminino para questões historicamente atreladas aos homens. Sem personagens femininas de destaque, a obra de Clara Arreguy consegue driblar o masculino para contar a história de homens em disputa, com o olhar sensível e perspicaz de mulher do século XXI.

Nome: Luís Fellipe dos Santos (UERJ) luis_fellipe304@hotmail.com

A cine-escrita de Agnès Varda

Palavras-chave: Ensaio; Cine-escrita; Filmes-ensaio

Resumo: Este trabalho tem como objetivo fazer uma análise da obra cinematográfica da realizadora Agnès Varda, participante da Nouvelle Vague e responsável por uma vasta produção, marcada por pioneirismo, subjetividade e produção de presença. Como dito pela mesma, sua produção se aproxima de uma cine-escrita, como Astruc (1948) pontuou como câmera-stylo, ou melhor, a câmera-caneta, que seria quando a câmera é utilizada como caneta. As produções da realizadora podem ser enquadradas na categoria de Filmes-Ensaio. A noção de ensaio usada no campo cinematográfico parte da literatura e se concretiza a partir de reflexões feitas, como escreve Michel de Montaigne (1533 – 1592), que conferiu ao ensaio algumas das suas principais características, como a reflexividade e a ausência de regras. Seria o espaço em que um pensamento não iria se dobrar a um discurso pronto. Então, partindo da noção do ensaísmo no cinema, pretende-se fazer uma análise sobre as obras da realizadora e a

sua cine-escrita e inscrição no mundo. A análise se dará a partir de suas três obras mais recentes: *Os catadores e eu* (2000), *As praias de Agnès* (2008) e *Varda por Agnès* (2019).

Nome: Luisa B. Lima (UFRJ) luisabrunolima@gmail.com

***Lovecraft Country* e *Wandavision*: vozes e visões femininas em séries de streaming de fantasia**

Palavras-chave: protagonismo feminino, super-heróis, streaming, ficção científica, histórias em quadrinhos

Resumo: *Lovecraft Country* e *Wandavision* são duas séries audiovisuais de fantasia/ficção científica, recentemente adaptadas para grandes veículos de streaming – HBO e Disneyplus, respectivamente. *Lovecraft Country* foi adaptado de um romance homônimo e *Wandavision* das histórias em quadrinhos da Feiticeira Escarlata. Embora livro e quadrinhos tenham protagonismo feminino, seus autores são homens. Já nas adaptações das séries isso muda: ambas são produzidas por mulheres, roteirizadas e dirigidas predominantemente por mulheres. Apenas isso já seria uma novidade, no meio masculino e machista da indústria audiovisual norte americana. Mas *Lovecraft Country* e *Wandavision* foram muito além. Obtiveram sucesso de público e crítica, sendo obras poeticamente inovadoras e progressistas, com protagonismo não só de mulheres, mas de negros e imigrantes, e dando voz a outras visões de mundo, outros saberes, em que a imaginação tem papel fundamental.

Nome: Luísa Loureiro Monteiro de Castro Teixeira (UFRJ)

luisamonteiroct.rj@letras.ufrj.br

Constelações em rede: sobre autoria e o coletivo latino-americano “Chicks on Comics”

Palavras-chave: Histórias em quadrinhos; Feminismo; Autoria.

Resumo: A presente comunicação buscará apresentar, a partir da discussão sobre a morte do autor de Roland Barthes e seus desdobramentos, o coletivo feminista “Chicks on Comics”, criado por quadrinistas e ilustradoras latino-americanas. A ação do coletivo acontece de forma híbrida, entre o online e o offline, o que se reflete nas HQs produzidas por elas como grupo e individualmente. Considerando que a internet pode ser considerada um espaço público e que a

apropriação desse espaço para a visibilidade da arte produzida por mulheres é uma prática feminista, serão apresentadas algumas estratégias do coletivo e como elas contribuem para a circulação dos quadrinhos produzidos pelas artistas que fazem parte da atuação do coletivo. O coletivo existe desde 2008 e já contou com o apoio de quinze artistas ao longo do tempo, além de convidadas. Hoje, cinco artistas assinam por ele. São elas Ann Gee, Clara Lagos, Delius, Julia Barata e Pixin Weng. Todas são, ao mesmo tempo, autoras independentes e autoras vinculadas ao coletivo, o que desestabiliza a noção de autoria como algo estático. A autoria está em trânsito, assim como a ação das autoras que a detêm.

Nome: Marcia Gomes de Lima (UFMS) marciaggdelima@gmail.com

Escrituras e narrativas do corpo em *Carta à rainha louca*, de Maria Valéria Rezende

Palavras-chave: Literatura; Narrativas do corpo; Autoria feminina.

Resumo: *Carta à rainha louca* (2019), obra epistolar histórica da escritora Maria Valéria Rezende, conta a história de uma mulher marcada pela violência, discriminação, clausura e pelo feroz silenciamento imposto às mulheres pela sociedade patriarcal, machista, racista e capitalista do Brasil colonial do século XVIII. Nesse sentido, esta comunicação visa verificar de que modo Rezende apresenta sua protagonista, Isabel das Santas Virgens, e como essa destemida personagem escreve, se inscreve e rompe com os padrões estabelecidos para uma mulher em sua condição, expondo, inclusive, as circunstâncias acerca da condição feminina de modo geral em sua época, convertendo assim, em uma escritura que mobiliza e expressa o próprio corpo feminino, simbólico, sistêmico, cultural, ético e político, que a autora imprime em sua personagem. Ambas as escrituras, a que demanda a expressão através de uma protagonista e a da própria personagem, podem ser compreendidas como escritas e narrativas do próprio corpo, colocando a autoria feminina duplamente em foco.

Nome: Maria Aparecida de Barros (UEL) mariabarros-uel@hotmail.com

“Gaiola aberta”, de Maria da Glória Sá Rosa: a velhice feminina em questão

Palavras-chave: memória; velhice; condição feminina.

Resumo: Esta comunicação analisa a representação da velhice feminina no conto “Gaiola aberta” presente na obra *Contos de hoje e sempre – tecendo palavras* (2002), da escritora Maria da Glória Sá Rosa. Propõe, também, identificar como a memória auxilia a narrativa, relacionando-se com a história e a representação da condição feminina na velhice. Importa também refletir sobre os contextos de exclusão e isolamento da pessoa idosa na sociedade contemporânea e as formas de minimizar tais impactos. A velhice é uma realidade que chega à vida de qualquer pessoa como uma constatação de que muitas coisas já não são mais possíveis para ela. Para uma sociedade que prima pela juventude, beleza, produtividade e consumo, ser considerado velho é sinônimo de inservível. A condição feminina na velhice se choca com a intolerância imposta pelos padrões do patriarcado, em que a mulher vale enquanto jovem e fértil. Nesse sentido, faremos uma análise do referido conto à luz de Halbwachs (2006), Zolin (2005), Souza (2003), entre outros.

Nome: Maria Clara Lucas dos Santos Pinto (UFRJ) claramlucasp@gmail.com

Ruptura da heterossexualidade compulsória no poema “Enamoradas”, de Gilka Machado

Palavras-chaves: Gilka Machado; Erotismo; Gênero.

Resumo: A poética de Gilka Machado (1893-1980) tem como foco a identidade da mulher e sua libertação dos símbolos trazidos pelo inconsciente coletivo quando se evoca a figura feminina, através de uma linguagem ousada e usando a natureza não só como espaço físico, mas também em sua forma erótica. Além disso, tal natureza, muitas vezes, é transformada num sujeito amante, que participará de enleios amorosos nos poemas, segundo afirma Darlene J. Sadlier, professora da Universidade de Indiana (EUA), em seu texto “O *locus eroticus* de Gilka Machado”. Nesta comunicação, focaremos no poema “Enamoradas”, do livro *Sublimação*, publicado em 1938, pois nele se pode pensar no amor de duas mulheres – “fêmeas enamoradas”, “loucas de liberdade”. É importante ressaltar a época em que o poema foi escrito e que, ao interpretarmos o poema como aquele que trata de um amor lésbico, Gilka Machado começa a romper não só com o patriarcado, mas também com a “heterossexualidade compulsória”, conforme expressão de Adrienne Rich (2012). Portanto, o objetivo deste trabalho é analisar o erotismo como forma de transgressão na sociedade a partir do poema de Gilka Machado e aprofundar essa questão de acordo com os pensamentos de Sadlier e Rich, para embasar o estudo lésbico na literatura.

Nome: Maria Izabella Souza de Lima (UNICAMP) m.izabella.souzalima@gmail.com

A carne mais barata do mercado é a carne negra: luta e resistência em *Terra fértil*, de Jenyffer Nascimento

Palavras-chaves: Poesia Afro-feminina; Literatura Afro-brasileira; Corpo; Memória.

Resumo: Esta comunicação é um recorte da minha dissertação, em que investigo como a política do corpo se apresenta para mulheres negras, sobretudo através da hipersexualização dos seus corpos ou a não possibilidade de existência deles em alguns espaços. A escrita, para mulheres negras, é uma necessidade para a sobrevivência, resistência e documentação da sua história. É uma forma de se posicionar no mundo. Um grito de liberdade através da escrita, principalmente a poesia, atualmente. Então, pretende-se analisar um poema do livro *Terra fértil* (2014) da autora Jenyffer Nascimento, intitulado "Carne de mulher", em diálogo com a música "A carne mais barata do mercado é a carne negra", de Elza Soares, e outras letras de rap. Como base teórica foram usados os seguintes autores: Taise Campos dos Santos Pinheiro de Souza, Paul Ricoer, Frantz Fanon, Djamila Ribeiro, Lélia Gonzalez, bell hooks, Gloria Alzandua, Conceição Evaristo e Grada Kilomba.

Nome: Maria Luiza da Silva Hastenreiter (UFRJ) maluhasoliver@gmail.com

O erótico na escrita de Geni Guimarães

Palavras-chaves: Escrivivência; Erótico; Literatura.

Resumo: Nesta comunicação, pretende-se analisar a escrita de Geni Guimarães, através do conceito de "escrevivência", cunhado e desenvolvido por Conceição Evaristo em suas dissertações e textos teóricos. Pretende-se também destacar o erótico e suas regulações, vivenciadas pela população negra desde as primeiras experiências escolares até a maturidade, a partir das ponderações feitas por Audre Lorde, em *Irmã Outsider*, e do conceito grego de erótico. Os textos de Geni Guimarães que aqui serão analisados fazem parte dos livros *A cor da ternura* e *Poemas do regresso*. Através da interseção entre os conceitos teórico-literários e teórico-sociais, pretende-se abordar as subjetividades e interseccionalidades vividas pela população negra ao longo das várias fases da vida, já que, em *A cor da ternura*, o recorte da

obra será feita através da análise dos fatos vividos durante a infância da narradora e, em *Poemas do regresso*, o que se vê é uma primeira pessoa amadurecida e livre das inseguranças e subordinações sofridas na infância.

Nome: Mariana de Oliveira Costa (UFRJ) mariana.de.oliveira.costa@letras.ufrj.br

Lugar de mulher é na p(oes)ia: o doméstico, o político e o erótico na poesia de Leila Mícolis

Palavras-chave: Poesia; Ditadura; Decolonialidade.

Resumo: A poesia que surge logo após a instalação do regime ditatorial no Brasil passa por um processo orgânico de responder a toda a violência que se intensificou e ampliou no país durante aquele período. Ainda que os poemas não se detivessem especificamente no recorte do tema, as questões políticas da época inevitavelmente tocavam os versos, as entrelinhas, a estética poética. Algumas autoras expandem essa vertente política à forma, ao conteúdo de suas palavras, mesmo que a recepção não dê conta disso. Nessa perspectiva, nos interessa pensar a potência da produção poética de mulheres a partir de uma leitura decolonial (QUIJANO, 2009; LUGONES, 2007), especialmente da obra de Leila Mícolis, cuja trajetória ímpar se lança durante o período da geração mimeógrafo, sendo publicada inclusive no livro *26 poetas hoje*, antologia que marca a poesia dos anos 70. Objetivamos analisar, assim, dois poemas em que se recortam três características comuns à obra da poeta, o doméstico, o político e erótico, selecionados da obra *Mercado de escravas* (1984), além de um poema da antologia citada para fins de obter material de análise criado em uma data mais próxima ao período da ditadura.

Nome: Mariana de Sousa Loureiro (UFS) marianaloureiro08@hotmail.com

A construção de identidade da mulher negra em *Their eyes were watching God*, de Zora Neale Hurston

Palavras-chave: Construção; Identidade; Literatura afro-americana; Mulher; Racismo.

Resumo: O livro *Their eyes were watching God* foi escrito em 1937 pela escritora e antropóloga estadunidense Zora Neale Hurston (1891-1960), uma das figuras centrais do

Harlem Renaissance. Apesar de ter deixado uma vasta obra literária, Hurston morreu no anonimato, só sendo redescoberta por Alice Walker na década de setenta do século passado. A obra em pauta narra a história da personagem Janie, uma mulher preta, de meia idade, que conta toda a sua trajetória de vida a sua amiga Pheoby. No estudo, foram analisados aspectos políticos e raciais subjacentes à narrativa, focando sobretudo nos problemas relacionados à construção da identidade da mulher preta na narrativa literária de Hurston. Como embasamento teórico do trabalho, foram utilizados os conceitos de colorismo de Hunter (2007) e o de identidade e cultura, propostos por Bauman (2004) e Hall (2001). Como resultado, concluímos que *Their eyes were watching God* apresenta importantes cenas de cunho denunciativo sobre as vivências das mulheres negras, daquele momento histórico, que eram vítimas de violência doméstica e preconceito racial dentro da própria comunidade negra.

Nome: Mariana Soletti da Silva (PUCRS) solettimariana@gmail.com

“Mulheres e ficção”: Virginia Woolf e o ato de escrever

Palavras-chaves: Literatura Inglesa; Virginia Woolf; Mulheres; Ficção.

Resumo: A presente comunicação busca discutir as colocações de Virginia Woolf acerca do ato de escrever ficção sob uma ótica feminina, levando em consideração seu próprio artigo intitulado “Mulheres e ficção”, em sua última versão publicada no Brasil pelas editoras Penguin e Companhia das Letras (2019). Além disso, serão referenciadas outras leituras imprescindíveis para entender o processo criativo feminino sob o olhar de Woolf, como *Um teto todo seu* (2014), inspirado pelo texto analisado, e leituras complementares que dão conta da vida da escritora, a partir de Marder (2011) e Pinho (2015). O romance *Ao farol*, publicado em 1927, mostra-se também pertinente, ao trazer a questão da arte produzida por mulheres e a recusa de validação masculina de seu valor.

Nomes: Mariana Virgínia Santana Reis (UFS) e Ana Lúcia Simões Borges Fonseca (UFS) marevsr@academico.ufs.br e analucia.sbf@academico.ufs.br

A busca pela identidade em *Their eyes were watching God*, de Zora Neale Hurston

Palavras-chave: Literatura, Identidade; Simbologia.

Resumo: O objetivo desta comunicação é tratar da importância das obras produzidas por escritoras afrodescendentes nas literaturas de língua inglesa, as quais permaneceram esquecidas por décadas. Nesta proposta, analisamos a obra da escritora, folclorista e antropóloga afro-americana Zora Neale Hurston (1891-1960), intitulada *Their eyes were watching God*, o mais conhecido dentre os seus trabalhos e um clássico do renascimento do Harlem. Por intermédio de uma pesquisa que vem sendo desenvolvida no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), em uma universidade pública federal, apresentaremos a forma como a autora trabalha a questão da identidade na obra, a partir da vida da protagonista Janie Crawford. Os primeiros resultados da nossa pesquisa apontam que as experiências individuais da autora, assim como suas pesquisas antropológicas e sobre o folclore afro-americano, influenciaram sua escrita, fazendo uso de fatos históricos, simbologias e ambientações que constituem o desenvolvimento da trama e das personagens em geral.

Nome: Marta Botelho Lira (UTFPR) martinhablira@gmail.com

A poesia adeliana: um olhar ecológico na contemporaneidade

Palavras-chave: Adélia Prado; Contemporâneo; Ecologia; Feminismo; Poesia.

Resumo: Nesta comunicação, propomo-nos a discutir as críticas acerca da dominação masculina e do antropoceno no cotidiano na obra *Bagagem* (2006), de Adélia Prado, a partir da ideia de Giorgio Agamben, em *O que é o contemporâneo? e outros ensaios* (2009), segundo o qual o ser contemporâneo se configura como “aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro” (AGAMBEN, 2009, p. 62), sendo os poetas os exemplos, pois eles conseguem perceber a escuridão do presente e mostram isso por meio da arte, da literatura, da música, da poesia. Na obra da autora mineira Adélia Prado, é possível observar denúncias acerca da dominação masculina, do antropoceno, da falta de empatia com a fauna e flora, com outros seres humanos, da maneira como tornamos a vida cotidiana fugaz. Complementamos a discussão com as ideias de Agnes Heller, em *O cotidiano e a história*, que afirma que o cotidiano é heterogêneo, hierarquizado. Atentar-nos-emos para a temática do antropoceno, respaldada, principalmente, na ideia sobre a teia da vida de Fritjof Capra em *A teia da vida* (2006), além de Leonardo Boff nos livros *Ecologia: grito da Terra, grito dos pobres* (2015) e *Ética e ecoespiritualidade* (2011).

Nome: Marta Francisco de Oliveira (UFMS) marta.oliveira@ufms.br

A autoria feminina latino-americana: aproximações através de escritoras contistas

Palavras-chave: Autoria feminina; conto; escritoras latino-americanas.

Resumo: A aproximação proposta neste trabalho reúne três escritoras latino-americanas, através da leitura de contos, observando sua produção artístico-literária. Nossa percepção coloca a linguagem em primeiro plano, pois abarca os processos de construção textual e a própria autoria, embora também se ancore em aspectos biográficos relevantes. Nesse sentido, a escrita se desenvolve na medida da inserção pessoal das escritoras, pois os contos revelam, para além do corpo-linguagem das personagens femininas, as variadas formas de compreensão dos 'corpos', múltiplos, das autoras, em variadas dimensões. Extrapolando os limites das latitudes geográficas que demarcam os territórios do Brasil, Paraguai e Venezuela, as escritoras Clarice Lispector, Susy Delgado e Silda Cordoliani nos conduzem pelos espaços literais, simbólicos e epistêmicos de sua linguagem-escritura. Como resultado, por meio de nossa leitura, buscamos expandir os diálogos possíveis com a teoria e a crítica feminista ao tecer redes de percepções e compreensões das estéticas e projetos intelectuais das autoras, com especial atenção às escolhas de uso linguístico, quer por sua poética, quer pela mescla de idiomas ou expressões culturais nas personagens. As três escritoras propiciam formas de expansão da criação literária de autoria feminina, abrangendo tretas que aprofundam leituras acerca dos mundos interior e exterior do universo feminino, construídos e vivenciados individualmente ou em conjunto, narrados na singularidade do trato com a linguagem estética, assumindo os riscos da escrita.

Nome: Natalia Helena Wiechmann (IFSP) nataliahw@ifsp.edu.br

O tema do matrimônio em três poemas de Emily Dickinson

Palavras-chaves: Emily Dickinson; Poesia norte-americana; Matrimônio; Crítica literária feminista.

Resumo: Este trabalho propõe apresentar três poemas de Emily Dickinson (1830-1886) em que o tema central é o matrimônio: J580 “I gave myself to Him –”, J732 “She rose to His Requirement – dropt” e J1072 “Title divine – is mine!”. A partir do aparato teórico-conceitual

da crítica literária feminista, nosso objetivo é mostrar que o casamento e suas implicações para a vida das mulheres é uma das questões que ganham maior destaque em sua obra, especialmente porque são inúmeros os poemas de Dickinson em que o eu lírico se identifica como a esposa que ora assume seu papel social convencional, ora subverte essa representação para revelar os conflitos que a imposição patriarcal acarretaria à vida da mulher. Além disso, tomamos por base o contexto que circunda a ideia de casamento nos EUA do século XIX e o ideal convencional de feminilidade, o qual é composto, entre outros aspectos, pela necessidade dos laços matrimoniais. Por meio dos poemas supracitados, verificaremos o quanto a poeta de Amherst desafia as normas institucionais e subverte qualquer romantização sobre a temática do casamento.

Nome: Nathália Santiago Tavares (UFRJ) stnathalia@gmail.com

O percurso da construção do feminino no conto “Antes do baile verde”, de Lygia Fagundes Telles

Palavras-chave: Lygia Fagundes Telles; Contos; Representação; Feminino.

Resumo: Esta comunicação tem como objetivo esmiuçar as vozes femininas – personagem e narradora – presentes no conto “Antes do baile verde”, de Lygia Fagundes Telles. Buscando uma análise aprofundada sobre o conto, as formas verbais, as personagens e suas histórias ocultas, pretende-se estabelecer como a forte marca do feminino na escrita da autora colabora para uma posição de resistência das mulheres – que são, nas narrativas lygianas, distintas e ímpares, ocupando diferentes lugares na sociedade – no mundo e na literatura – esta, marcada majoritariamente pela voz masculina.

Nome: Quezia Stefani Fagundes Sena (UFMS) quezia.eng.prod@gmail.com

O imaginário literário e cultural pantaneiro: da escrita de *Morro Azul*, de Aglay Trindade Nantes, à percepção contemporânea do espaço

Palavras-chave: História local; Fronteira epistêmica; Interculturalidade e Memórias subalternas

Resumo: Iniciamos a reflexão aqui proposta a partir do conto *Morro Azul, estórias pantaneiras* (2010), de Aglay Trindade Nantes, partilhando com a autora o sentimento de pertencimento para com o espaço local, entendido como o estado de MS, de onde esta pesquisa emana, em foco como território epistêmico. Através da obra, iniciamos uma leitura sobre a cultura local e os modos de construção/criação/constituição da memória subalterna de uma região, a Serra da Bodoquena-MS, e sua relação com a literatura e a história. Para tanto, tomamos por base o estudo das práticas locais e da poética presente na representação literária da autora Aglay, que trata da saga de formação do estado de Mato Grosso do Sul. Almejamos uma revisitação ao passado como aporte para a busca daquelas histórias orais recônditas, almejando representá-las e propiciar a oportunidade de serem contadas e registradas de “interculturalidade” (Walsh, 2002) do nome do município Nabogocena (Atoleiro) na língua Kadiwéu, (nome pouco divulgado, possivelmente, pelo reprimir dos colonizadores “grandes poderes da região”). Rompendo essa condição, me coloco como uma mulher-fronteira que hospeda os saberes “outros” dos corpos que em mim habitam, que trazem consigo suas línguas, memórias, seus costumes e crenças, e várias histórias locais.

Nome: Raíza Hanna Milfont (UFPB) raizahanna@gmail.com

Mulher de ferro com zonas erógenas e aparelho digestivo: o relato confessional da militância feminina em *Paixão Pagu*

Palavras-chaves: Militância feminina; Escrita de si; Escrita de autoria feminina; Mulher Nova; Pagu.

Resumo: Patrícia Galvão, mais conhecida como Pagu, foi uma das primeiras “mulheres novas” do Brasil, pois possuía as características e as atitudes que subvertiam a lógica patriarcal do lugar destinado às mulheres na sociedade brasileira do começo do século XX, respaldada pelo boom da modernidade e do modernismo que fazia despontar, nas mulheres da época, um modo de viver mais ativo e autônomo. Através do registro autobiográfico, escrito em 1940, mas só publicado em 2005 sob o título de *Paixão Pagu*, a escritora, tradutora e militante política faz um passeio em marcha à ré pelos caminhos que traçou nos seus primeiros trinta anos e nos leva aos corredores do movimento modernista e aos primeiros anos do Partido Comunista brasileiro, narrando a sua entrada e seus trajetos na militância partidária. Esta comunicação tem como objetivo analisar a militância feminina através de seus relatos íntimos, bem como examinar a validação de sua escrita de si híbrida. Fazendo um retrospecto bibliográfico sobre a produção

de autoria feminina e feminista do começo do século passado; da trajetória pessoal e intelectual de Pagu; e dos conceitos relativos à autobiografia, ao diário íntimo e à carta, pudemos delinear a sua experiência militante e, comparando com relatos testemunhais de outras mulheres, desvelar as vivências da militância feminina de esquerda e seus desdobramentos na vida pessoal e pública dessas ativistas.

Nome: Renata Coutinho Villon (UFRJ) renatavillon@gmail.com

O trabalho da língua e a escrita animalesca de Liliane Giraudon

Palavras-chave: Liliane Giraudon; Poesia contemporânea francesa; Animalidade; poesia feminina.

Resumo: Em *Um teto todo seu* (1991), primeiramente publicado em 1929, Virginia Woolf afirma que as mulheres “não têm tido a menor oportunidade [dog’s chance] de escrever poesia” (p. 132). Quase um século depois, em algum ponto do início dos anos 2000, a poeta francesa Liliane Giraudon anda por uma Cabul dominada por homens. Abrigada por um teto nessa mesma cidade, mesmo que longe de ser acolhedor, Giraudon escreve sobre as sensações de fragmentação, transformando o que testemunha de um local de interdição numa escrita absolutamente corporal: o ensaio “Os talibãs não gostam de ficção” (2008). Em Giraudon, essa “chance do cão”, ou “menor oportunidade” do qual falou Woolf, se transforma em força animalesca para escrever: “[...] para continuar a escrever se deve tapar o nariz, fechar os olhos pressionando contra eles os punhos, uivar [...]” (2019, p. 130). Afirmando ainda que a escrita parte “do lugar dos animais em nós” em seu livro mais recente, intitulado *Le travail de la viande*, Giraudon sabe que o corpo de mulher que escreve é aquele que, mesmo retalhado e sangrante como sua própria escrita animalesca, respira, uiva e, sobretudo, vive. A partir de sua obra, propõe-se estudar as relações entre escrita feminina e animalidade.

Nome: Renata Cristina Sant'Ana (UFJF) recsantana2013@gmail.com

Lugares e mulheres na escrita de Maria Valéria Rezende

Palavras-chave: Mulheres; Espaço; Desigualdade social.

Resumo: Busco, nesta comunicação, discutir a relação entre identidade e espaço representada nos romances *O voo da guará vermelha* (REZENDE, 2014a), *Quarenta dias* (REZENDE, 2014b) e *Outros cantos* (REZENDE, 2016), de Maria Valéria Rezende. Considerando as personagens femininas em condição de deslocamento e situadas nos espaços precários, analiso os elementos responsáveis pela construção dos papéis de gênero tendo como objetivo identificar os principais eixos temáticos, em torno dos quais se desenvolve a produção literária da escritora. Como fundamentação teórica busquei estabelecer um diálogo entre a crítica feminista (ALMEIDA, 2015; DUARTE, 2019; SCHIMIDT, 2019; 2016; XAVIER, 2007, BEAUVOIR, 1967; BIROLI, 2014; WOOLF, 1985) e as teorias sociais críticas (BOURDIEU, 1989; BERMAN, 2008; BENJAMIN, 1989; DEBORD, 1997). Assim, a partir das análises realizadas foi possível constatar a recorrência de vozes narrativas em constante deslocamento por espaços de vulnerabilidade, permitindo identificar a existência de um projeto literário preocupado em evidenciar as margens sociais e geográficas de um país marcado pelo preconceito, pela desigualdade e exclusão social.

Nome: Rita de Cássia dos Santos Moraes Heberle (PUCRS) rita.heberle@edu.pucrs.br

Um grito ecoa do silêncio: reflexões sobre a subalternidade em “Sete anos”, de Adriana Ortega

Palavras-chave: Subalternidade; identidade, imagem de controle.

Resumo: A desigual relação entre patrões e empregadas domésticas tem sido objeto de estudo literário. É evidente que a cultura da domesticidade no Brasil tem origem na existência de mais de três séculos de escravidão forjados na exploração da força de trabalho. Essa realidade gerou consequências perigosas ao inconsciente coletivo quanto à naturalização do servilismo, do menosprezo por determinados tipos de funções, normalmente braçais e de baixo retorno financeiro, e da visão preconceituosa e restrita diante daqueles que as desenvolvem. Não raras vezes, sujeitos negros são vistos como desprovidos de intelecto e senso crítico, estereótipos que, de tão arraigados e naturalizados, tornam-se de complexa dissolução dada a imagem de controle que encarcera suas vivências. A presente comunicação pretende analisar, portanto, de que modo os contos “Sete Anos”, “Desejo” e “Fome”, de Adriana Ortega, publicados em 2020, apresentam a relação entre a empregada e sua patroa, observando as questões de identidade, bem como se a criada, representante do subalterno, encontrará espaço para a expressão de seus anseios ao romper com imagens pré-concebidas socialmente.

Nome: Rômulo Schwanz Diel (UFPEL) romulo.diel@gmail.com

(Re)conhecendo as mulheres na literatura brasileira: projeto de ensino sobre as escritoras brasileiras apagadas do cânone literário

Palavras-chave: Literatura Brasileira, Autoria Feminina, Projeto de Ensino.

Resumo: As mulheres sempre foram apagadas na história, e na literatura não foi diferente. Mesmo tendo produzido um trabalho excepcional, existe um vasto conjunto de escritoras brasileiras que foram e ainda são omitidas no nosso campo literário. Com o intuito de mudar essa situação, surgiu a iniciativa da abertura de um espaço de leitura e discussão de obras literárias brasileiras escritas por mulheres, em especial por aquelas deixadas de lado pela nossa historiografia oficial, levando à criação do Projeto de Ensino “(Re)conhecendo as mulheres da literatura brasileira: um resgate das escritoras apagadas da história”, coordenado pelo Prof.º Dr. Alfeu Sparemberger. O projeto, construído em 12 encontros realizados de forma remota, foi direcionado à apresentação dessas escritoras, propondo ao grupo a leitura e a discussão de suas obras. Com aulas dinâmicas partindo de metodologias ativas de ensino remoto pela plataforma digital webconf da UFPEL, obteve-se a adesão de pessoas de diversas idades, cuja participação proporcionou uma grande troca de conhecimentos. Baseando-me teoricamente na antologia organizada por Muzart (1999) e nos estudos feministas de Schmidt (2000), propomos agora relatar a experiência desse projeto que visou ao reconhecimento das obras dessas escritoras apagadas dos séculos XIX e XX.

Nomes: Rosely Sobral Gimenez Polvani e Franciele Lucia Libardi (UNIOESTE)

gimpol2@gmail.com

A palavra como manifestação da resistência em *O lugar do saber* (2020), de Márcia Wayna Kambeba

Palavras-chave: Autoria indígena; Literatura; Resistência; Recepção.

Resumo: A literatura indígena brasileira vem se destacando no cenário literário atual e ressaltando as manifestações culturais dos povos originários. O ato de resistir pela palavra, de representar a sua história e de gritar a importância da valorização daqueles que por séculos

foram marginalizados pelo branco colonizador ganha voz pela poesia de Márcia Wayna Kambeba. Esta comunicação objetiva apresentar uma proposta de leitura de duas das suas poesias contidas no livro *O lugar do saber* (2020), “Palavra do povo Omágua” e “Conversa com encantados”, a fim de perceber a importância da lírica na exaltação cultural dos povos originários Omágua/Kambeba por meio de uma perspectiva recepcional e direcionar uma reflexão sobre os espaços da literatura de cunho indígena e de autoria feminina nos espaços escolares. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, baseada nas perspectivas de Dorrico et al. (2018), Kambeba (2020), Iser (1999), Jauss (2002), Santos (1997) e Croce (1997). O trabalho está organizado em duas partes: na primeira, apresenta-se um pouco sobre a literatura de autoria indígena; e, na segunda, por sua vez, analisam-se dois poemas de sua autoria, discutindo a resistência pela palavra e o preconceito racial sofrido por todos os povos apresentados em sua lírica.

Nome: Sandro Adriano da Silva (UNESPAR) sandro.silva@ies.unespar.br

Dora Ferreira da Silva: a passagem do poético

Palavras-chave: Poesia brasileira feminina; Dora Ferreira da Silva; Poética.

Resumo: A presente comunicação recorta e realça, na lírica de Dora Ferreira da Silva, a assinatura da poetisa na perspectiva concebida por Agamben (2010). Concebida como rastro rentável à sondagem do aparato poético e imaginário da poesia doriana, ela permite interrogar o “poetificado” como uma categoria estética (BENJAMIN, 2013) e indicia os matizes da modernidade no que tange à experiência intuída e da dicção poética. Outras inquietações sobre a poesia de Dora podem ser verificadas: o anacronismo ou atualização dos temas míticos – a “remitologização” –, como propõe Mielietinski (1987); o emprego dos meios poéticos de expressão que vinculariam a poesia de Dora a uma tendência de “reclassicização” do verso, sua dicção e arquitetura, na cena do modernismo brasileiro pós-45; as metáforas idiossincráticas, o sopro filosófico em torno da finitude que engendra um dossiê elegíaco e, por fim, o cultivo pelo poema efrásico. *Andanças* (1948-1970), obra inaugural de Dora, e objeto de olhar desta comunicação, apresenta uma força criadora que não permite subterfúgios, na visão de Flussen (1999), ainda que até o presente momento repouse em um estado de ‘pétalas de sombra’, para lembrar um verso da poetisa, que pode ser lido como um vaticínio sobre o silenciamento que pesa sobre a lírica de Dora.

Nome: Sara Resende de Moraes (UEPI) sararesendemorais@hotmail.com

Entre o silêncio e o insurgir: um olhar transgressor sobre *Alice e outras mulheres*, de Teolinda Gersão

Palavras-chave: Literatura portuguesa contemporânea; Gênero; Alice e outras mulheres.

Resumo: A presente comunicação problematiza as relações de gênero e poder na sociedade portuguesa contemporânea a partir da antologia *Alice e outras mulheres*, de Teolinda Gersão (2020). Este estudo pretende responder às seguintes questões: Como as mulheres estão representadas na literatura contemporânea portuguesa? De que formas são construídas as relações de gênero e poder a partir dos contos “A orelha”, “Se por acaso ouvires esta mensagem” e “Alice in Thunderland”? De que forma são construídas as identidades femininas nos contos em análise? Para isso, lança-se mão da contribuição de autoras como Perrot (2007), Scott (1988) e Butler (2018). Dessa forma, analisam-se as diferentes situações em que as personagens estão representadas. Os resultados obtidos demonstram vozes femininas outrora silenciadas, mas que se insurgem ao passar das narrativas.

Nome: Sarah Giffoni Lescura Alexandre (UERJ) sarah.giffoni@gmail.com

***O conto da aia*, de Margaret Atwood: a mulher coisificada**

Palavras-chaves: Corpo; Mulher; Coisificação.

Resumo: *O conto da aia*, obra escrita pela canadense Margaret Atwood, publicada em 1985, está chamando bastante atenção pelo seu alcance temático. Por ser uma ficção especulativa, além de uma brilhante distopia, possui um enredo fictício, mas que estabelece grande verossimilhança com o mundo atual, tocando em temas delicados como a questão da violência enraizada e perpetuada contra a mulher. Dessa forma, a presente comunicação pretende mostrar como o corpo pode ser docilizado e, até mesmo, coisificado para corresponder às necessidades do poder vigente, aquele que subjuga e corrompe, aprisiona e dissipa todo o valor da mulher enquanto ser humano. Este trabalho propõe-se a mostrar como a estrutura de Gilead, nome dado ao novo Estados Unidos, onde se passa a história, é construída calçada no machismo e no

patriarcalismo, considerando a mulher como o segundo sexo. Para tal será utilizada a obra de Atwood, *O conto da aia* (2006), e *Vigiar e punir* (2012), de Foucault.

Nome: Suzane Morais da Veiga Silveira (UFRJ) suzanesilveira@letras.ufrj.br

Performances do feminino: o sujeito poético múltiplo de Gilka Machado

Palavras-chave: sujeito poético; performances; Gilka Machado

Resumo: Esta comunicação tem como objetivo investigar a composição de um sujeito poético múltiplo em Gilka Machado, estabelecendo uma reflexão sobre o feminino enquanto resistência e contradiscurso. Recorreremos aos estudos de Lauretis (1994) para analisar as tensões entre as imagens de mulheres da tradição cultural e as formas de (auto)representação do sujeito poético feminino gilciano, que surgem como afrontamento e encenação, bem como sinal de modernidade em sua obra.

Nome: Taís Victa (UFRJ) taisvicta@gmail.com

Cartas na mesa: *Dama de paus*, de Eliana Cardoso, defesa da honra e o silêncio da violência contra a mulher

Palavras-chave: Literatura contemporânea; Tese da Defesa da Honra; Feminismos.

Resumo: A presente comunicação busca elucidar as questões sobre até onde o poder patriarcal atinge a memória e a vida das mulheres. Com essa reflexão, *Dama de paus*, obra de Eliana Cardoso, vencedora do Prêmio Kindle de Literatura e publicado no início de 2019 pela editora Nova Fronteira, revela aos leitores que o óbvio é sempre mais difícil de aceitar. Reacende, assim, através da crítica literária, os casos jurídicos de defesa da honra e o quanto essa herança triste perpetua no sistema judicial através do machismo dos seus operadores e enfrenta movimentos de direitos das mulheres desde a década de 1970.

Nomes: Talita Santos Pantaleão da Silva e Angélica Gonçalves (UFPEL)

talitas561@gmail.com

(Re)conhecendo as contistas negras da literatura brasileira: relato de um projeto de ensino

Palavras-chave: Literatura brasileira; Autoras negras; Ensino; Leitura.

Resumo: Desde a escolha de obras e de autores para o currículo escolar da disciplina de literatura até as estratégias colocadas em prática na leitura, observamos um apagamento de obras produzidas por mulheres, especialmente, negras. Em virtude de revelarem a heterogeneidade da nossa cultura e os problemas sociais presentes em nossa sociedade, essas vozes permanecem do lado de fora da sala de aula. Com o objetivo de problematizar essa situação e oferecer aos estudantes a possibilidade de ler autoras negras contemporâneas, criamos o projeto de ensino “(Re)Conhecendo as contistas negras da literatura brasileira” para o Programa Residência Pedagógica da Universidade Federal de Pelotas. Durante o primeiro semestre de 2021, trabalhamos de forma remota com quatro contos da antologia *Olhos de azeviche* (2017) através de postagens no Facebook. As atividades foram direcionadas para duas turmas do primeiro ano do Ensino Médio do Colégio Municipal de Pelotas, localizado em Pelotas, Rio Grande do Sul. Ao longo desse percurso, enfrentamos diversas dificuldades em decorrência das limitações que a pandemia da Covid-19 impôs ao ensino, mas, apesar desse contexto, conseguimos aplicar o projeto de maneira satisfatória e proporcionar aos alunos-leitores uma introdução nesse universo marginal da nossa literatura.

Nome: Tassiane Andreza Damião dos Santos (UFPA) santostassi@gmail.com

A rainha da sensação: uma breve biografia de Mary Elizabeth Braddon

Palavras-chaves: Século XIX; Literatura Inglesa; Autoria feminina; Romance de sensação.

Resumo: Nascida em Londres no dia 4 de outubro de 1835, Mary Elizabeth Braddon foi uma das primeiras autoras de romances de sensação, também foi editora, atriz e poetisa. Sob o pseudônimo de Mary Seyton, publica seus primeiros poemas nas revistas *Beverley Recorder* e *Brighton Herald*. Já seu primeiro romance, intitulado *Three times dead or The secret of the heath*, foi publicado em 1860 em formato seriado. No entanto, o romance foi um fracasso editorial e apenas com a republicação do texto em 1861 sob novo título, *The trail of the serpent*, é que o romance se tornou um sucesso. Para alguns críticos, como Chris Willis (2003), o primeiro romance de Braddon pode ser considerado um dos primeiros romances de detetive na

Inglaterra, ajudando a criar um gênero literário que posteriormente se tornaria um fenômeno com os trabalhos de Sir Arthur Conan Doyle. Após a publicação de *Lady Audley's secret* (1861), Mary Braddon se torna a rainha da sensação, colocando em suas narrativas temas controversos como bigamia, crimes passionais, dupla personalidade e a figura detetivesca, quebrando padrões de gênero na Era Vitoriana. Nesta apresentação, comentaremos os principais pontos da carreira literária dessa autora.

Nome: Thais Pereira de Oliveira (UECE) thaisol.oliveira@aluno.uece.br

A construção dos afetos para as personagens negras em “Ana Davenga”, de Conceição Evaristo

Palavras-chave: Conceição Evaristo; Afetividade; Interseccionalidade; Feminismo negro.

Resumo: Esta comunicação focaliza os resultados de leitura e de análise do conto “Ana Davenga”, de Conceição Evaristo, presente na obra *Olhos d’água* (2014), a partir da perspectiva interseccional de Akotirene (2019), baseada nos estudos de hooks (2020) e nos postulados da literatura negro-brasileira de Souza (1990) e Cuti (2010). Buscamos compreender como se dá a construção dos afetos para a mulher negra no conto e de que modo a autora tece em seu texto o diálogo entre as possibilidades de afeto e a condição social dos protagonistas para viverem o amor. O trabalho utiliza a pesquisa qualitativa, de natureza bibliográfica, com incursões na fortuna crítica da escritora e de intelectuais do feminismo negro, Carneiro (2003) e Ribeiro (2019). Os resultados apontam para a constatação da importância da escrita de Evaristo para as questões mais profundas da alma humana no que diz respeito às relações afetivas da população negra além do debate antirracista.

Nome: Thiago Cavalcante Jeronimo (Universidade de Aveiro) thiagocavalcante@live.com

Elisa Lispector e Clarice Lispector: construções dessemelhantes

Palavras-chave: Clarice Lispector; Elisa Lispector; Literatura de autoria feminina; Bíblia; Literatura.

Resumo: Esta proposta de comunicação convoca à reflexão depoimentos e produções ficcionais de Elisa Lispector (1911-1989) e de Clarice Lispector (1920-1977) em relação ao judaísmo. Considerando o exame de depoimentos pessoais e de produções literárias das autoras, bem como a pesquisa bibliográfica de suas respectivas fortunas críticas, guiados por fundamentos teóricos relativos às questões da teoria literária, marcam-se direcionamentos divergentes das irmãs escritoras no tocante à religião supracitada. Com esse entendimento, a leitura deste trabalho pauta-se nas seguintes considerações: Elisa Lispector se reconhece como judia, e há uma dinâmica textualmente explícita e de igual forma relevante em sua escrituração relacionada à cultura e à religião judaica, inclusive no retrato da condição feminina concernente a esse veio religioso; contrariamente, Clarice Lispector se desvia – em declarações e em sua escrituração – da temática judaica. Elisa testemunha e enfatiza na construção de suas personagens femininas o judaísmo; Clarice, por sua vez, rasura essa temática.

Nome: Úrsula Antunes (PUCMG) ursula.antunes.de@gmail.com

Elas escrevem com facas: mulheres brasileiras que escrevem horror

Palavras-chave: horror, insólito, contemporâneo, ficção especulativa

Resumo: A escrita de narrativas de horror por mulheres carrega um histórico de mais de dois séculos, em que podemos mapear já no nascimento da literatura gótica e, posteriormente, os penny dreadfuls vitorianos. Aqui no Brasil, podemos falar das autoras Júlia Lopes de Almeida, Chrysantème e Emília Freitas como expoentes da escrita do insólito, do fantástico e, claro, do macabro, no âmbito da segunda metade do século XIX e início do século XX. A presente comunicação se propõe a apresentar um breve histórico da escrita de horror por mulheres, no Brasil em especial, enfocando as autoras nacionais da contemporaneidade e algumas de suas obras. Falaremos de seus temas recorrentes que, em grande parte, são ligados à falta de perspectiva, controle de corpos e inseguranças ligados à estrutura patriarcal, mercantilista e capitalista, nos quais não se poupam descrições gráficas, comportamentos desviantes e subversões para construir suas narrativas, e colocando em perspectiva o que seria uma literatura dita feminina.

Nome: Verônica Filippovna (UFRJ) veronicafilippovna@gmail.com

“Não terás minha alma viva”: a paixão em Marina Tsvetáeva

Palavras-chaves: Marina Tsvetáeva; Paixão; Poesia; Vida; Criação.

Resumo: O objetivo desta comunicação é pensar a paixão como a força motriz tanto da vida quanto da obra poética de Marina Tsvetáeva. Considerada hoje uma das poetisas mais significativas do século passado, elaborou uma obra (poesia, prosa e, até mesmo, cartas) na qual viver e criar estão no mesmo plano. A renúncia ao fardo do cotidiano, a musicalidade, a busca por plenitude, liberdade e um modo de viver autêntico se destacam como principais características da escrita da poeta. Apesar das circunstâncias sociais, políticas, históricas e culturais da sua época, não se cala. Não há “meio tom” nas palavras de Tsvetáeva. Sem se deixar influenciar por tendências estéticas, tampouco pelo racional, transpõe em versos o movimento da própria vida. Sempre vibrante e entusiasmada, tomada pelo páthos da criação, vive e escreve em consonância com a intensidade de seus afetos. Dessa forma, a poeta inventa e preserva um modo de existência no qual vida e criação estão entrelaçadas, mas sem gerar hierarquias.